Livro: A Saga da Família Bragança Retto

Capítulo 1 : A Travessia e a Ferida

No ano de 1929, enquanto a Europa sussurrava as incertezas de uma era em transformação com Portugal sentindo os grandes efeitos da depressão econômica dos EUA, a família Retto preparava-se para a sua própria e monumental travessia. Impulsionado por uma amarga desavença com o seu sócio numa empresa no Porto, aliada à implantação de uma ditadura, Belisário Machado Retto decide que o futuro da sua família reside do outro lado do Atlântico, no promissor, desconhecido e vasto Brasil.

Casado com Guiomar em dezembro de 1920 e residindo na província portuguesa de Viseu, o casal teria o seu primogênito em 1921. Belisário com 25 anos e Guimar com 20 anos ainda não imaginava o futuro que os aguardavam. Belisário trabalhava em uma empresa no Porto que comercializava produtos para gráficas. De 1920 a 1929 o casal já tinha 3 filhos. Fernando, Rosine e Maria do Céu. No final desse período acontece a desavença com o sócio da empresa que os faz decidir mudar de país.

A sua esposa, Guiomar Joaquina Bragança Retto, uma mulher de 29 anos de uma força silenciosa, extremamente religiosa, culta, e apaixonada, assustada, aceita o seu destino. Carrega no ventre um futuro duplicado – gêmeas de cinco meses – e nos braços as suas duas pequenas filhas, Rosine (6 anos) e Maria do Céu (4 anos). Ela embarca, no porto de Lisboa, no navio Serpa Pinto que os levará a Santos, acreditando que a família, embora desenraizada, permanece inteira.

A travessia em si já era uma provação. Os longos 20 dias na segunda classe do navio foram uma jornada extremamente dolorosa e triste, marcada pelo enjoo constante, pelo espaço exíguo partilhado com dezenas de outros estranhos e pela ansiedade que corroía as noites mal dormidas. Para Guiomar, grávida e com duas crianças pequenas para cuidar, cada dia era um exercício de resistência. Contudo, o navio que cortava as águas do oceano carregava mais do que o desconforto físico e o medo do desconhecido; carregava um segredo que iria transformar sua dor em desespero e redefinir sua vida para sempre. Foi em meio a esse cenário de desalento que ela descobriu a verdade: o seu filho mais velho, Fernando (8 anos), não estava a caminho. A revelação a atinge com a força de uma onda violenta, roubando-lhe o ar. Por um instante de puro desespero, um impulso selvagem e maternal a consome: o de se atirar ao mar, de lutar contra o Atlântico a nado para voltar àquele cais e resgatar o seu menino. Mas a imensidão azul que a cercava era tão vasta quanto a sua impotência. Ele fora deixado em Portugal, confiado aos cuidados dos avós paternos, numa decisão unilateral do marido, que a logrou com a promessa de uma reunião futura.

A chegada a Santos, em São Paulo, não tem o sabor da esperança, mas o amargo gosto da ausência. Para Guiomar, o Brasil não é a terra das oportunidades, mas um exílio indesejado, um lembrete constante do filho que lhe foi tirado em contrapartida a fuga da ditadura era uma outra forma de se convencer da decisão tomada. A saga da família Retto no Brasil nasce sob a sombra destas feridas, explorando os laços que se vergam, mas não se partem, e a dor de uma mãe que, apesar de construir uma nova vida e ver a sua família crescer, jamais esqueceu aquele episódio protagonizado pelo marido nascendo a partir daquele momento uma ferida aberta no coração da sua família.



Navio Serpa Pinto



Belisario e sua irmã Maria do Céu

Capítulo 2: Um Teto na Mooca

O ar que os recebeu no cais de Santos não tinha a pureza salgada do oceano, mas a densidade de um mundo em febril construção. Era um ar carregado de suor, de fumaça de carvão, do cheiro de café ensacado e de uma babel de esperanças e desesperos que se chocavam contra a muralha de um novo continente. Para os milhares que desembarcavam, o Brasil era uma promessa sussurrada em todas as línguas da Europa. Para Guiomar, era o silêncio de uma única ausência, a de Fernando, um silêncio tão vasto que engolia todo o ruído do porto.

Seus pés, incertos, tocaram o chão brasileiro. Ao seu lado, Belisário, com o queixo erguido para um futuro que só ele via. Nos seus braços, Rosine e Maria do Céu, assustadas com o gigantismo daquele lugar. E no seu ventre, o peso duplicado de uma vida que se anunciava, alheia à fratura que se instalara na alma da família.

Foi então que, em meio à multidão anônima, surgiram os rostos amigos de Oliveira e Arminda. Eram a encarnação da solidariedade, um porto seguro dentro do porto. Arminda, de braços abertos e sorriso largo, acolheu Guiomar num abraço que era, ao mesmo tempo, um amparo e uma promessa de chão. Oliveira, com sua voz calma e gestos firmes, organizou o transporte, as malas, o início de tudo. Eram a prova de que mesmo no exílio mais amargo, a humanidade ainda podia florescer.

A viagem para São Paulo foi uma subida pela serra que parecia espelhar a própria jornada de Guiomar: uma escalada íngreme, envolta em névoa, rumo ao desconhecido. E então, a cidade. Não a São Paulo dos arranha-céus que viria, mas uma metrópole de chaminés e cortiços, de bondes que rasgavam as ruas de terra e de paralelepípedos, um organismo que pulsava com o sangue de italianos, espanhóis, portugueses, alemães e japoneses.

O destino era a Rua Almirante Brasil na Mooca. Um bairro que era um país em si mesmo. A Mooca, em 1929, ainda possuía características rurais, com chácaras e atividades agrícolas, mas também, estava em processo de urbanização, com o desenvolvimento de indústrias e comércio. O bairro sofria com as inundações do rio Tamanduateí. As ruas cheiravam a tecido de tecelagem, a pão quente e a carvão. E ali, numa dessas ruas modestas, mas cheias de vida, estava a pequena casa emprestada pelo casal amigo. Não era um lar, ainda não.

Era um abrigo, um cenário provisório para o drama que se desenrolava. As paredes finas pareciam absorver a melancolia de Guiomar, enquanto do lado de fora a vida gritava em dezenas de sotaques. A casa era modesta com dois cômodos e cozinha e um grande quintal com chão batido, onde circulavam galinhas e porcos. Ao fundo um poço artesiano de água semi-potável. O banheiro era fora da casa uma latrina de madeira com um fosso para as necessidades. Usava-se muito o penico como meio de transporte dos dejetos humanos. À época na Mooca, não havia saneamento básico. A Rua Almirante Brasil era uma via secundária, de traçado retilíneo, conectando-se a artérias mais importantes, como a Avenida Alcântara Machado (o embrião da futura Radial Leste). Sua posição a coloca nas proximidades da vasta área ocupada pela linha férrea e pelos complexos industriais adjacentes, mas não diretamente ladeada por eles.

Quatro meses depois, o ventre de Guiomar rompeu-se. O parto foi uma travessia dentro da travessia, uma batalha sofrida, travada sobre lençóis de algodão, sob o comando de duas parteiras de mãos grossas e sabedoria antiga. Arminda estava ali, segurando sua mão, oferecendo panos úmidos e palavras de força. Mas a dor de Guiomar era dupla. A cada contração que trazia ao mundo as suas filhas, uma outra, mais profunda, lembrava-a do filho que lhe fora tirado. E assim nasceram Fernanda e Adelaide, entre o pranto da vida nova e a mágoa da vida amputada.

Naquela pequena casa da Mooca, emprestada como um consolo, as gêmeas foram batizadas, tendo Oliveira e Arminda como padrinhos. Eram as primeiras raízes fincadas naquela terra estranha. Mas para Guiomar, que as embalava noite adentro, ouvindo o apito distante dos trens, cada novo dia no Brasil era um lembrete. Um lembrete de que a sua família, embora crescendo, jamais estaria completa enquanto o Atlântico a separasse do seu primogênito. O Brasil, para ela, começara ali, na generosidade de uns amigos e atitude de um marido, numa casa que não era sua, num bairro que era o coração pulsante de um mundo que ela não escolhera.

Enquanto a alma de Guiomar permanecia ancorada na saudade de um cais português, a vida em São Paulo, com a sua urgência de cidade que não para, impunha seus caminhos. Para Belisário, a terra prometida começava a tomar forma. Por indicação do fiel padrinho Oliveira, encontrou uma posição como

corretor de imóveis numa grande imobiliária que erguia sobrados e loteava sonhos nos novos bairros da capital.

E ali, o dom de Belisário floresceu. Ele possuía a música das palavras, uma lábia que transformava tijolos e cimento em promessas de felicidade. Com seu terno bem passado e um sorriso que desarma qualquer desconfiança, ele vendia terrenos como se vendesse o próprio futuro. Não tardou para que as comissões, gordas e bem-vindas, começassem a encher os bolsos do paletó. No primeiro ano, o sucesso foi notável. Para Belisário, cada negócio fechado era um passo para longe do sócio traidor, uma justificativa para a família arrastada pelo oceano. Ele se agarrava a essa prosperidade como um náufrago a uma tábua, convencendo a si mesmo de que a ferida que abrira em sua casa seria curada com dinheiro e o correr do tempo.

Para a pequena Rosine, o Brasil tomou a forma de um prédio imponente e sério a poucas quadras de casa: o grupo escolar da Mooca. Aos sete anos, foi matriculada no primário, um universo de lousa, giz e um hino cantado num sotaque diferente do seu. Ali, no pátio barulhento, ela era a menina portuguesa, a filha de imigrantes, aprendendo a conjugar os verbos da mesma língua mas com sotaque diferente, uma nova pátria enquanto tentava entender as regras não escritas da infância. Era um mundo novo que a absorvia aos poucos, diluindo suas memórias do outro lado do mar a cada nova amizade, a cada lição copiada no caderno de caligrafia.

Enquanto o marido vendia o futuro e a filha mais velha o aprendia, Guiomar vivia no presente perpétuo da casa emprestada. Seus dias eram uma sinfonia de cuidados, embalada pelo choro incessante das gêmeas Fernanda e Adelaide que, pareciam carregar no pranto toda a melancolia sentida e não expressada da mãe. Choravam de fome, de cólica, de um desconforto que parecia vir da própria alma. Eram duas vidas frágeis e exigentes que a mantinham cativa à beira dos seus berços.

Nessa rotina exaustiva, a presença da amiga Arminda era o ar que lhe permitia respirar. A madrinha chegava sem avisar, com seu jeito prático e seu coração imenso. Tomava uma das meninas no colo, aquecia uma mamadeira, dobrava a roupa seca, e seu silêncio cúmplice era o maior dos confortos. Não faziam perguntas. Arminda via a dor nos olhos de Guiomar, uma tristeza funda que o riso das filhas não alcançava, e respondia com o único remédio que conhecia: a lealdade de um ombro amigo.

Assim se passou o primeiro ano, com Belisário a conquistar a cidade, Rosine a ser conquistada por ela, e Guiomar, sitiada pelo choro das filhas e pela própria saudade, cuidando da vida que florescia em suas mãos enquanto seu coração permanecia num inverno sem fim.



Imagem gerada pela IA Gemini de uma casa na rua Almirante Brasil, 73 Mooca em 1929

Capítulo 3: O Chão do Mundo

Se Rosine era a face da integração formal, com seus cadernos e horários, a pequena Maria do Céu, com seus olhos azuis brilhantes, aos cinco anos, era a alma da integração orgânica, a que acontece no chão do mundo. Ainda fora da idade escolar, seu reino era a rua de terra em frente à casa, um palco poeirento onde o futuro de São Paulo era ensaiado todos os dias, entre uma corrida e outra.

A rua não era apenas uma rua; era um mosaico vivo de infâncias transplantadas. Ali, sob o sol paulistano que dourava a poeira, os filhos da imigração se encontravam. Maria do Céu, com seus olhos que guardavam o azul do Atlântico, se misturava aos filhos dos tecelões italianos e dos padeiros portugueses. Cada grupo brincava à sua maneira, recriando no bairro da Mooca os gestos herdados da terra natal.

Os meninos italianos, mais expansivos e teatrais, gesticulavam com as mãos e gritavam em dialetos que soavam como música, organizando jogos de bola com uma paixão que parecia vir do Coliseu. As meninas portuguesas, por sua vez, formavam rodas e cantavam cantigas de ninar e de pular corda que suas avós haviam cantado em aldeias de Trás-os-Montes. Eram melodias antigas, doces e melancólicas, que por um instante transformaram a rua operária num adro de igreja de além-mar.

E no meio de tudo, estava Maria do Céu. Ela aprendia a contar até dez em italiano para poder se esconder na "piques" e, minutos depois, ensinava uma nova estrofe de "Ciranda, Cirandinha" para a filha do calabrês. Sua infância era um intercâmbio constante de segredos e brincadeiras, uma pequena diplomata de pés descalços, negociando as fronteiras invisíveis entre um "pega-pega" e outro.

Da janela da cozinha, entre o choro de uma gêmea e o suspiro de outra, Guiomar observava a filha. Via Maria do Céu, seu "Pedaço de Céu", correr livre sob aquele céu brasileiro, o cabelo solto, o rosto sujo de felicidade e de terra. Havia um alívio em seu peito ao vê-la tão viva, tão imersa naquele presente barulhento. Mas, logo em seguida, vinha a pontada de sempre: aquela rua não era sua, aquelas crianças não partilhavam de suas memórias. A infância de sua filha estava sendo escrita numa língua que seu coração ainda custava a entender, e o som das risadas lá fora só acentuava o silêncio que carregava.

A modernidade que Belisário vendia em seus folhetos de loteamentos ainda não havia chegado à porta de sua própria casa. A vida na Mooca, para além do drama humano, era uma batalha diária contra as precariedades de um tempo mais rude. Naquela São Paulo de chaminés e progresso, o saneamento básico era uma promessa distante. As casas, como a deles, contavam com o serviço silencioso e ingrato da fossa no fundo do quintal, um buraco na terra que periodicamente cobrava seu tributo, exigindo uma limpeza manual, um trabalho sujo que todos fingiam não ver, mas cujo cheiro, por vezes, lembrava a todos a fragilidade de sua civilização.

A água não jorrava de torneiras, mas era conquistada. Vinha do poço, puxada na força do braço, balde a balde, uma água fria e com gosto de terra, usada para cozinhar, para lavar e para matar a sede. O quintal, um pedaço de chão batido nos fundos da casa, era mais do que um espaço de respiro; era uma extensão da despensa. Ali, entre varais de roupa e os brinquedos improvisados das crianças, ciscos de galinhas e um ou dois porcos eram criados para o abate. O cacarejar e o grunhido dos animais eram a trilha sonora da subsistência, a garantia de uma futura refeição farta.

Dentro de casa, o coração era o fogão a lenha, uma estrutura de ferro e fogo que demandava constante atenção. Era ele que aquecia as manhãs frias de garoa, que cozinhava o feijão por horas a fio e que fervia a água para o luxo de um banho. E o banho era um ritual raro e trabalhoso. A água, aquecida em grandes latas sobre a chapa quente, era despejada numa bacia de zinco, onde a família se lavava por etapas, numa cerimônia de economia e vapor. O pão e o leite eram entregues por meio de carroças puxadas por cavalos. A ausência de geladeira, um luxo para pouquíssimos na época, impunha uma rotina de constante planejamento. A conservação dos alimentos dependia de saberes antigos: as carnes eram frequentemente fritas e guardadas em latas, submersas na própria banha de porco que as selava do tempo; outros alimentos eram conservados no sal, em compotas de açúcar ou simplesmente comprados em pequenas quantidades diárias, garantindo o frescor do que ia à mesa.

A rua, palco das brincadeiras de Maria do Céu, também era por onde a vida chegava sobre rodas de madeira. Não havia supermercados, mas sim as carroças que faziam sua ronda sagrada. Pela manhã, o barulho das ferraduras e o sino do leiteiro anunciavam o leite fresco, entregue em latões de alumínio. Pouco depois, passava a carroça do padeiro, com seu cheiro irresistível de pão quente, um aroma que se misturava ao da fumaça dos fogões e compunha o perfume daquele bairro de trabalhadores. Era uma vida de muito esforço para pouco conforto, onde cada pequena conveniência era uma conquista e cada dia vencido, uma vitória silenciosa.



Imagem gerada pela IA Gemini de um carroceiro de 1929 vendedor de pães e leite

---

Capítulo 4: Tempos de Revolução

A prosperidade inicial que Belisário encontrou, no entanto, era uma planta de raízes rasas, fincada num solo que estava prestes a tremer. O ano de 1929 não trouxe apenas a poeira da construção de uma nova São Paulo; trouxe também os ecos distantes da quebra da bolsa de Nova Iorque, uma onda de choque que, ao cruzar o oceano, atingiu em cheio o coração da economia brasileira: o café.

Belisário sentiu o abalo primeiro como um arrepio, depois como um frio paralisante. Os homens que antes assinavam contratos com a pressa de quem comprava o futuro, agora hesitavam. O dinheiro, que circulava com a fluidez de um rio, de repente se tornou escasso como preso a um dique. As comissões, antes certas, minguaram. O mercado imobiliário, um barômetro sensível da confiança, estagnou. O homem do "dom da conversa" se via agora tentando vender promessas para ouvidos surdos de preocupação. A frustração o corroía, e ele trazia para dentro da pequena casa da Mooca o pó amargo de seus negócios fracassados, seu humor se tornando tão instável quanto a economia do país.

Para Guiomar, a crise tinha um nome concreto: o preço do quilo de feijão, o leite das crianças que ameaçava faltar. Ela via a apreensão nos olhos das vizinhas, ouvia as conversas sobre as fábricas que começavam a demitir. A luta diária pela subsistência, já tão pesada, ganhava contornos de medo.

Como se a penúria econômica não bastasse, a política começou a ferver. Nas ruas da Mooca, nas conversas acaloradas dos botequins, os homens discutiam os destinos do país com a paixão de quem debate futebol. Falavam de um tal "café com leite", de uma promessa quebrada pelo presidente Washington Luís, que, em vez de passar o poder a um mineiro, insistia num sucessor paulista. Para os Retto, imigrantes recentes, aquilo era um jogo de xadrez de nomes e alianças incompreensíveis, mas eles sentiam a eletricidade no ar, a tensão que se acumulava prenunciando nuvens de tempestade.

E a tempestade veio. Em 1930, a insatisfação explodiu na forma de uma Revolução. São Paulo se tornou o epicentro de um terremoto político. A rotina da família foi rasgada pela História. O som familiar das carroças e das cantigas infantis foi substituído pelo ruído ameaçador de caminhões militares, pelo eco de botas marchando em formação e, por vezes, pelo som seco e distante de tiros. Era a ditadura de Salazar transplantada para o Brasil. A fuga de nada adiantou, pensava Belisário com os seus botões.

A rua de terra, o reino de Maria do Céu, foram esvaziados. O medo trancou as portas e janelas. Guiomar, com o coração apertado, juntava as crianças no cômodo mais interno da casa, longe do perigo que rondava lá fora. Belisário, impedido de trabalhar, andava de um lado para o outro como um animal enjaulado, sua impotência diante da crise econômica agora era amplificada pela desordem civil.

Para Guiomar, aqueles dias de tensão foram a materialização de seu exílio. Ela havia sido forçada a ir para uma terra de promessas, e essa mesma terra agora se desfazia em crise e conflito. O mundo exterior, com sua fúria e incerteza, parecia um espelho brutal da desordem que ela carregava na alma. A família Retto, já fraturada por dentro, se via agora sitiada por um país que também se partia ao meio.

A fumaça da revolução, que por semanas manteve São Paulo e o Brasil em suspense, começou a se dissipar não com o estrondo de uma grande batalha final, mas com a rendição dos poderosos. Em outubro, a notícia correu pelas ruas como um rastilho de pólvora: o presidente Washington Luís foi deposto no Rio de Janeiro. A junta militar, que assumiu o poder brevemente, logo o entregou ao homem que vinha do sul, montado na promessa de um novo Brasil: Getúlio Vargas.

Para a família Retto, o fim do conflito foi, antes de tudo, o fim do medo imediato. As portas e janelas puderam ser reabertas, e o som da vida, aos poucos, retomou as ruas. Rosine voltou para o grupo escolar, e Maria do Céu, para suas brincadeiras na terra batida, agora com novas histórias para contar, histórias de soldados e de um silêncio assustador.

Mas se a revolução armada havia terminado, uma outra, mais silenciosa e profunda, estava apenas começando. O homem de bigode e chapéu gaúcho que assumiu o poder não era apenas um novo presidente; era o arquiteto de uma nova era. A "política do café com leite", que Belisário mal começara a entender, fora varrida do mapa. Agora, o poder estava centralizado no Rio, e um novo vocabulário tomava conta do país, com palavras como "interventores", "Ministério do Trabalho" e "direitos sociais".

Belisário observava tudo com um misto de esperança e ceticismo. Por um lado, a mudança drástica talvez pudesse reaquecer a economia e seus negócios estagnados. Por outro, a incerteza era grande. Quem eram aqueles homens no poder? O que queriam? Sua habilidade de convencimento, tão útil para vender casas, era inútil para decifrar os rumos da nação.

Guiomar, por sua vez, sentia as mudanças de forma mais prática. Via um novo otimismo no rosto de suas vizinhas, cujos maridos, operários das fábricas, agora falavam de leis que os protegiam. Via também a criação de novos ministérios, o da Educação e Saúde, promessas que, se cumpridas, poderiam significar um futuro melhor para suas quatro filhas. E, num avanço que a própria Arminda comentou com entusiasmo, veio a notícia de que as mulheres teriam direito ao voto. Pela primeira vez, desde que pisara naquela terra, Guiomar sentiu que talvez pudesse ter uma voz, ainda que pequena, no destino que lhe fora imposto.

Assim, a família Retto atravessou o fim da República Velha e adentrou a Era Vargas. A crise e a revolução os haviam abalado, mas, também, os haviam tornado, definitivamente, parte do Brasil. Eles não eram mais apenas imigrantes observando a história alheia; eram cidadãos vivendo sob um novo governo, respirando os novos ares de um país que, como eles, havia sido forçado a se reinventar. A poeira da revolta assentou, revelando um novo cenário, cheio de desafios e possibilidades inéditas que moldaram a vida de todos eles nos anos que viriam.

Naqueles dias de incerteza, em que a própria nação parecia se esfacelar, a pequena casa da Mooca encontrou sua fortaleza não em muros ou trincheiras, mas na lealdade inabalável de um casal de amigos. Enquanto a revolução redesenhou o mapa do poder lá fora, Oliveira e Arminda se tornaram a verdadeira estrutura econômica, financeira e, acima de tudo, moral da família Retto.

Com os negócios de Belisário paralisados pela crise e pela desordem, a despensa começou a sentir o peso da escassez. Era então que Oliveira chegava, sem alarde, como quem faz uma visita casual. Trazia consigo sacos de farinha, feijão e batatas, não como esmola, mas como uma partilha entre compadres. "As coisas estão difíceis para todos, Belisário", dizia ele, com um tato que buscava preservar a dignidade do amigo, "é bom que a gente se ajuda". Por vezes, num aperto de mão mais demorado na despedida, uma nota de dinheiro era discretamente passada, um "empréstimo" que ambos sabiam que era um presente do coração.

Arminda, por sua vez, era a embaixadora da calma em meio ao caos. Sua presença era uma benção para a alma aflita de Guiomar. Enquanto os ruídos da revolução mantinham todos em alerta, ela chegava com leite para as gêmeas, conseguido com algum fornecedor antigo, ou com um pedaço de tecido que, em suas mãos habilidosas, se transformava em roupas para as crianças.

Mas sua ajuda ia muito além do material. Era ela quem se sentava ao lado de Guiomar na cozinha, embalando uma das meninas enquanto a outra chorava, e seu silêncio sereno dizia mais que mil palavras de consolo. Ela não precisava entender a profundidade da dor de Guiomar pela ausência de Fernando; ela entendia a dor presente, o medo da mãe que ouvia o mundo desabar lá fora, e respondia com o gesto simples e poderoso de permanecer ao seu lado.

Oliveira e Arminda foram o esteio. Eram a ligação de Belisário com a realidade, a fonte de notícias confiáveis que cortavam a névoa dos boatos. Eram o amparo de Guiomar, a prova viva de que, mesmo na terra do exílio, a fraternidade podia criar raízes e florescer. Naquele período em que a História testava a resiliência de um país inteiro, a família Retto sobreviveu não apenas por sua própria força, mas porque estava escorada na muralha sólida e afetuosa de seus padrinhos.

Capítulo 5: Fernando: A Primeira Sombra

Enquanto a família Retto lutava para fincar raízes no solo instável do Brasil dos anos 30, em Portugal, o tempo corria de outra maneira para o filho que lá ficara. O eco do apito do navio demorou a desaparecer dos ouvidos de Fernando, um menino de oito anos forçado a entender a palavra "abandono" sem que ninguém a pronunciasse.

No ano de 1929, enquanto um navio zarpara do cais de Lisboa e cortava as águas do Atlântico levando para longe o seu mundo, Fernando, um menino de apenas oito anos, ficou para trás. A decisão dos seus pais, que ali viviam, de emigrar para o Brasil, fugindo de uma desavença profissional e de um país que se fechava sobre si mesmo, não foi apenas uma escolha; foi o eco de uma nação em profunda contradição, um som que reverberou por toda a sua existência.

Portugal encontrava-se sob o pulso firme da Ditadura Nacional. As liberdades da Primeira República eram uma memória desvanecida, e os alicerces do futuro Estado Novo já se comentavam na ordem, na autoridade e no controle. Em Lisboa, a figura de António de Oliveira Salazar, o austero Ministro das Finanças, emergia como o arquiteto de um "milagre" económico. Equilibrou com mãos de ferro as contas do Estado, um feito celebrado como prova da virtude do regime.

Contudo, este milagre macroeconómico mascarava uma profunda vulnerabilidade humana. Em outubro daquele ano, a Bolsa de Wall Street quebrou, e as ondas de choque, embora tardias, começaram a atingir a frágil economia portuguesa. O impacto mais devastador não foi nos bancos, mas no pilar da sociedade: a emigração. O Brasil, o principal destino dos que buscavam uma vida melhor, fechou abruptamente as suas portas. O fluxo de emigrantes, que em 1929 fora de quase trinta mil almas, colapsaria para pouco mais de dois mil em dois anos. A consequência foi catastrófica. As remessas de dinheiro, que sustentavam inúmeras famílias, secaram. A pressão sobre o mercado de trabalho interno tornou-se insuportável.

Neste cenário, a partida de Belisário e Guiomar ganha uma nova luz. Não foi um ato de abandono, mas uma estratégia desesperada de sobrevivência. A desavença com o sócio foi apenas o catalisador que, combinado com a asfixia económica e a repressão do regime, tornou a fuga a única opção viável. Eles partiram num dos últimos navios, numa fresta de esperança que se fechava rapidamente. Para Fernando, no entanto, a razão pouco importava. O que ficou foi a ausência e a saudades.

Ele seria a primeira geração a crescer inteiramente sob este novo regime, um cidadão do Estado Novo desde a infância. A sua vida seria moldada por este mundo dual: o universo tradicional e agrário dos seus avós e o projeto ideológico, totalizante e moderno que lhe seria incutido na escola e na vida pública.

Mas o que o manteve verdadeiramente ligado à família perdida foi a correspondência sagrada com a sua mãe. As cartas de Guiomar cruzavam o oceano com regularidade, trazendo o cheiro de um mundo distante. Eram o seu tesouro, a prova de que não fora esquecido. Em cada palavra, ele sentia o amor da mãe, mas, também, o peso da saudade de irmãs que cresciam em fotografias e de umas gémeas que nunca chegara a conhecer. As cartas, ao mesmo tempo que o confortava, alimentavam a cicatriz invisível da solidão.

Ele não foi, contudo, deixado à própria sorte. O menino foi acolhido num ninho de afeto, um casulo familiar que amorteceu o impacto da ausência. Passou a viver com os avós paternos e com a Tia Céu, irmã de Belisário, seu marido, o tio Henrique, e o filho deles, Licínio, que se tornou para Fernando o irmão que a vida lhe oferecia em troca dos que o oceano levara. Foi uma infância e juventude acarinhada, preenchida pelo amor genuíno desta família que fez de tudo para que o vazio deixado pelos pais não se tornasse um abismo. Estudou no colégio interno em S. Pedro do Sul e depois no liceu em Viseu, tornando-se um jovem sério, observador, com uma maturidade forjada na saudade.

A vida de Fernando recomeçava em São Pedro do Sul. Ali, no coração de um Portugal rural, cresceu rodeado por um carinho que amorteceu o golpe.

Mas, por mais sincero que fosse o carinho que o rodeava, a mágoa era um patrimônio exclusivamente seu. Era uma ferida que não se via, mas que latejava nas noites mais silenciosas, uma pergunta constante sobre o pai que o deixara para trás. Essa dor se tornou o motor silencioso de sua vida.

Ao terminar os estudos liceais, a adolescência levou-o para o Porto. A cidade era um mundo novo, vibrante e cheio de contrastes. Inicialmente, ficou instalado num lugar que parecia saído de um romance: um palacete na Praia da

Aguda, a casa de um tio-avô, o Dr. Sousa Retto, um advogado conceituado e rico, que já possuía automóvel numa época em que isso era um luxo para poucos.

Foi estudar no Instituto Comercial e, para se sustentar, começou a trabalhar. O emprego surgiu no lugar mais improvável e, ao mesmo tempo, mais simbólico: a firma do ex-sócio de Belisário. O homem que fora o pivô da partida da família era também o padrinho de batismo de Fernando e, vendo no afilhado, além da competência e inteligência combinada com o reflexo de uma injustiça antiga, o acolheu.

A vida no palacete, contudo, era impraticável. Fernando mudou-se para uma pensão no Porto, uma solução prática que o colocaria na encruzilhada do seu destino. Foi ali que conheceu Marisa. A jovem, que passava o verão na cidade, trouxe uma luz inesperada à sua vida. A ânsia de pertencer, de construir algo que fosse verdadeiramente seu, acelerou o romance. Casaram muito novos; ela com 18 anos, ele com 22. Foi a união de duas almas, uma delas em busca desesperada de uma âncora.

Por uma daquelas ironias que o destino se compraz em tecer, décadas mais tarde, em 1967, seria precisamente na Praia da Aguda que Fernando compraria a casa de férias que se tornaria o refúgio da sua própria família até aos dias de hoje. Aos domingos, um ritual sagrado cumpria-se: ia almoçar na casa do seu padrinho, Polónio, o ex-sócio do pai, um elo complexo com o passado que o definia.

E ali, o destino, com sua caligrafia irônica, começou a reescrever a história da família. Para Fernando, trabalhar naquela empresa era pisar em território sagrado e misterioso. Cada dia era uma forma de conquistar, passo a passo, o espaço que seu pai havia abandonado com tanta amargura. Ele não trabalhava apenas por um salário; trabalhava para resgatar uma honra. Com sua dedicação e seriedade, conquistou a confiança do padrinho, que via no jovem a fibra e o caráter que um dia haviam se perdido na discórdia.

Passados alguns anos de trabalho exemplar, veio o momento que selou a paz com o passado. O ex-sócio, já envelhecido, chamou Fernando à sua sala e ofereceu-lhe uma sociedade na empresa. Naquele instante, a justiça foi feita. O filho rejeitado estava resgatando o legado que o pai desprezara. Teve ainda um outro curioso desfecho em que o sobrinho, Licínio, do mesmo Belisário une-se em matrimônio com a filha mais velha do mesmo sócio da intriga. Para a matriarca da família, Guiomar, foi o ajuste de contas realizado com tamanha precisão que devolveu o orgulho que havia perdido com toda a trama causada pelo seu marido e ainda restabeleceu a dignidade como mãe. Fernando, havia resgatado, através desta nova sociedade, o que o pai havia desfeito.

Foram, Fernando e Marisa, viver para um andar na Rua do Campo Lindo. A casa recém-formada logo se encheu de vida. O primo Licínio e uma prima de Marisa vieram também viver com eles para poderem estudar no Porto. Era uma casa feliz, barulhenta e jovem, um bastião contra um mundo que mergulhava novamente na loucura da Segunda Guerra Mundial. A escassez e o racionamento impunham dificuldades, mas o ninho de São Pedro do Sul voltou a ser a sua salvação. Da aldeia chegavam os produtos que faltavam na cidade, provas de um amor que nunca se esgotara.

Com o fim da guerra e o passar dos anos, o lar que Fernando tanto almejara floresceu. A família cresceu com a chegada dos filhos: primeiro o Pedro, o mais velho, depois a Maria João, a mais nova. Neles, Fernando depositou todo o amor e a presença que lhe haviam sido retirados. Construiu para os seus filhos o mundo estável que nunca conhecera na infância. Ele foi para os seus filhos o pai presente e carinhoso que o seu próprio pai não pudera ser. No entanto, o amor pela nova família e o sucesso profissional nunca apagaram por completo a cicatriz do abandono.

No entanto, por mais completa que fosse a sua felicidade em Portugal, uma parte da sua alma continuava do outro lado do mar. As cartas da mãe continuavam a chegar, agora com notícias dos sobrinhos que nasciam no Brasil. Dentro dele, um desejo crescia e tornava-se o grande projeto da sua vida: um dia, haveria de cruzar aquele mesmo oceano, mas no sentido inverso. Sonhava com o dia em que levaria Marisa, Maria João e Pedro ao Brasil, para que, finalmente, pudessem conhecer os avós, os tios e os primos. O seu maior desejo era unir as duas metades da sua vida, enlaçar as duas famílias que o Atlântico separou em 1929 e, finalmente, sentir-se inteiro.

Relatos familiares sobre Fernando:

O Profissional Respeitado (O Homem da Semana)

Durante os dias de trabalho, Fernando vestia a armadura da seriedade e do controle. Era um profissional exigente, focado em suas obrigações, o que lhe garantia o respeito e a estima de todos com quem se relacionava. Contudo, sua exigência não era fria; vinha acompanhada de uma profunda humanidade. Ele estava sempre atento aos problemas alheios demonstrando uma empatia que equilibrava sua postura séria.

O Homem de Família (A Transfiguração do Fim de Semana)

A chegada do fim de semana operava uma verdadeira "transfiguração" em Fernando. Ele se despia das pressões e obrigações, revelando um homem sereno e de prazeres simples. Contento com pouco, encontrava a felicidade nos momentos triviais. Seu apreço pela família era imenso e incondicional. O centro deste universo era o lar que construiu com sua esposa, **Marisa**, e onde criaram seus dois filhos, **Maria João e Pedro**. Sua capacidade de amar era tão grande que ele não apenas se dedicou à sua família nuclear, mas "adotou" toda a família de sua esposa como sua, tornando-se uma figura central e de confiança. A prova de seu valor era que, mesmo sendo o genro, era a ele que os sogros recorriam para pedir conselhos, preterindo o aconselhamento das próprias filhas.

O Pai Presente e Cúmplice

Para sua família mais próxima, Fernando foi um pilar de presença e afeto. A relação com a filha, Maria João, era marcada por uma grande afinidade e cumplicidade. Até a entrada dela na faculdade, ele foi sua "grande companhia". Os momentos que partilhavam eram rituais de carinho: os passeios, as idas à casa de praia aos sábados, os lanches na confeitaria. Mais do que um companheiro de lazer, era um suporte fundamental, acompanhando-a de perto nos estudos e, com um cuidado exemplar, levando-a sempre ao médico em casos de doença.

A Mágoa Oculta e a Carência de Afeto

Por trás da fachada de homem realizado e feliz, havia uma camada mais profunda de sua personalidade. Ele carregava uma mágoa interior, uma ferida antiga que, provavelmente, o tornava carente de afetos. Essa carência se manifestava em sua meiguice e em pedidos sutis de reciprocidade. Ele buscava o afeto de volta, algo que os adolescentes nem sempre conseguem compreender ou corresponder, por receio de parecerem sentimentais ("lamechas").

Em suma, Fernando foi um homem que, apesar de uma provável dor intransponível que o acompanhou pela vida, soube construir um mundo de amor e estabilidade. Ele foi um ótimo marido para Marisa e um ótimo pai para Maria João e Pedro, um homem presente que soube equilibrar a seriedade profissional com uma entrega total à família. Seu maior legado foram os valores de humanidade, presença e lealdade que transmitiu, e que continuam a guiar a família até hoje. Quanto ao filho Pedro, foi um pai exemplar e motivo de profundo orgulho por parte do filho que com ele teve um convívio de afeto e carinho.



Fernando e Marisa

Capítulo 6: A Ponte de Papel

A dor de Guiomar não era um lamento passivo; era uma força que se transmutou em ação, em teimosa persistência. E sua mais sagrada forma de resistência era o ritual da escrita. Quase todas as noites, quando a casa finalmente mergulhava no silêncio e as respirações de suas filhas eram o único som, ela se sentava à mesa da cozinha, sob a luz fraca de um lampião, e construía sua ponte de papel e tinta sobre o Atlântico.

As cartas para Fernando eram seu ato de maternidade à distância. O papel absorvia tudo: os primeiros passos cambaleantes das gêmeas, Fernanda e Adelaide; os progressos de Rosine na caligrafia do grupo escolar; as travessuras de Maria do Céu na rua de terra, com seu novo vocabulário apanhado pelos vizinhos italianos. Contava sobre o calor de São Paulo, sobre os sabores das novas frutas, sobre a solidariedade de Arminda e Oliveira. Descrevia a vida com uma precisão de cronista, oferecendo ao filho um lugar na família, garantindo que o fio que os unia, embora esticado ao limite, jamais se rompesse.

Cada carta era um ato de fé. Naquela época, a correspondência era uma lição de paciência. A folha de papel, carregada de amor e saudade, levaria semanas para cruzar o oceano a bordo de um navio, e a resposta, igualmente lenta, era aguardada com uma ansiedade que se renovava a cada dia. O mundo podia ter se movido, a vida podia ter mudado, mas a comunicação vivia no seu próprio tempo, um tempo lento e profundo como o mar.

Essa necessidade de se conectar com o mundo, de entender o chão que pisava, revelava a verdadeira essência de Guiomar. Ela não era apenas uma mãe sofredora. Era uma mulher de linhagem e intelecto, uma Bragança de Portugal, herdeira de uma cultura que a sustentava como uma espinha dorsal de aço. Sua nobreza não estava nos bens que deixara para trás, mas na dignidade com que enfrentava o presente. Era apaixonada por Belisário. A cada carta respondida ou enviada por Fernando ou Marisa ou ainda, por Maria do Céu ou Licínio era um bálsamo e motivo de extremo regozijo que sua face deixava transparecer como a nitidez de um dia ensolarado.

Seu primeiro ato, todas as manhãs, depois de acender o fogão a lenha, era ler o jornal, que Belisário trazia do centro. Enquanto o bairro ainda despertava, ela já decifrava as complexidades da política de Vargas, as notícias da Europa e as transformações da cidade. Era seu alimento intelectual, sua janela para um mundo maior que as paredes da casa na Mooca.

Essa cultura irradiava naturalmente. As vizinhas, muitas delas analfabetas, vinham procurá-la para decifrar as cartas que chegavam da terra natal ou para ajudá-las a escrever uma resposta. Guiomar se tornou, discretamente, a escriba e a conselheira do bairro. Sua casa, mesmo marcada pela sombra da ausência, era um ponto de luz e sabedoria. Todos a viam como ela era: a pessoa mais culta daquelas ruas e, sem dúvida, a mais forte. Sua força não estava nos gritos ou nas queixas, mas no silêncio altivo, na resiliência diária e na fé inabalável de que as palavras, um dia, poderiam reconstruir o que a vida havia quebrado.



O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA
(DIRECTOR — 1897 - 1927)

S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1929

A SITUAÇÃO ECONOMICA DE PORTUGAL

Estão sendo feitas escavações nos tumulos de David e outros reis de Judá

O conde de La Vaux refere-se á sua viagem aerea pela America do Sul

O estudo da lingua e da litteratura francezas em Leipzig

Inventa para lapidar pedras preciosas

Um medico francez propõe, na Academia de Medicina, o plano de organisação da Ordem dos Medicos

BOLSA DE NOVA YORK

Cotação de Hontem

VENCEDORES
DE VERDADE!
A COMMISSÃO ESPORTIVA DO
AUTOMOVEL CLUB ARGENTINO
Unica entidade reconhecida pela Associação Internacional de Automoveis Clubs
RECONHECE E CONFIRMA AO
CHRYSLER
VENCEDOR ABSOLUTO
Na grande corrida Standard F. VARELLA - MAR DEL PLATA - F. VARELLA

Noticias da Republica Argentina affirmam que a Commissão Esportiva do Automovel Club Argentino declarou pelo seu parecer que os tres CHRYSLER que tomaram parte na grande corrida "Standard" F. Varella - Mar del Plata - F. Varella e que chegaram em perfeitas condições, são rigorosa e exclusivamente "Standard" e conferio aos mesmos a primitiva classificação registada no decorrer das provas. Ficaram, assim, mais uma vez, patenteadas as extraordinarias qualidades do CHRYSLER, classificado VENCEDOR ABSOLUTO.

(Preços postos vagão São Paulo)

MODELO "PLYMOUTH"		MODELO "65"		MODELO "75"	
Barata	10:550$000	Barata	15:050$000	Barata	20:900$000
Phaeton	10:750$000	Phaeton	15:200$000	Royal Sedan	21:950$000
Coach	11:500$000	Coach	15:850$000	Town Sedan	23:240$000
Coupé de Luxo	11:700$000	Sedan	16:900$000	Coupé Conv.	24:800$000
Sedan	11:730$000	Coupé DeLUXE	16:900$000	Phaeton	25:000$000

ESCOLHA O SEU
CHRYSLER
Companhia Nacional de Automoveis S/A

JOIAS DA MODA
CASA BENTO LOEB

AUTO-CAMINHÕES
INTERNATIONAL
PARA QUALQUER TRANSPORTE

RADIO

Imagem do jornal Estado de São Paulo de abril de 1929

Capítulo 7: A Janela para o Brasil

No final de 1930, quando a poeira da Revolução assentou e o país aprendia a conjugar o nome de Getúlio Vargas, um novo móvel, quase um novo membro da família, chegou à casa da Mooca. Era uma rádio. Um caixote de madeira escura, polida, com um grande mostrador de vidro e botões que pareciam guardar segredos. Não foi uma compra, pois o dinheiro ainda era curto, mas um presente do padrinho Oliveira, um pagamento afetuoso por pequenos serviços manuais que Belisário, engolindo o orgulho, fazia para complementar a renda.

Naquela noite, a família se reuniu em volta do aparelho com a solenidade de quem assiste a um milagre. Belisário, com um ar de técnico, ligou-o à tomada. Um zumbido baixo encheu a sala, seguido por um chiado, o som do éter, do vasto vazio entre as estações. Ele girou o botão devagar, e o chiado se transformou em estática, em fragmentos de vozes, até que, de repente, um som claro e forte inundou a casa. Era um samba, vindo diretamente dos estúdios do Rio de Janeiro, com uma alegria contagiante que fez as meninas arregalaram os olhos.

Aquele aparelho era mais do que uma caixa falante; era uma janela para o Brasil. A partir daquele dia, a rotina da casa mudou. O rádio se tornou o centro da vida doméstica. Para Belisário, era a companhia em suas noites de frustração. Ele se sentava perto do aparelho, fumando seu cigarro, e ouvia atentamente os noticiários, os discursos inflamados do novo governo, tentando decifrar nos pronunciamentos o futuro de seus negócios e do país.

Para as crianças, era pura magia. Rosine e Maria do Céu, e mais tarde as gêmeas, deitavam-se no chão de tábuas corridas e viajavam com as aventuras das primeiras radionovelas, cujos dramas e romances eram mais emocionantes que qualquer brincadeira de rua. A música que saía dos alto-falantes se tornou a trilha sonora de sua infância, ensinando-lhes as melodias e os ritmos que uniam aquela nação de tantos sotaques.

Até mesmo Guiomar, inicialmente alheia à novidade, encontrou no rádio um refúgio. Enquanto costurava ou cozinhava, as óperas e os programas de auditório quebravam o silêncio pesado de seus pensamentos. A voz aveludada dos locutores e a música que preenchia a casa eram um contraponto à sua melancolia, um lembrete de que, lá fora, a vida continuava, ruidosa e cheia de histórias.

Assim, em plena "Era de Ouro", aquele rádio modesto conectou a pequena casa da Mooca à alma da nação. Ele trouxe para dentro de suas paredes a voz do presidente, as partidas de futebol, o humor dos comediantes e os sonhos das novelas, integrando aquela família de imigrantes, de forma definitiva, à grande e complexa teia cultural do Brasil.



Imagem de um rádio do ano de 1929



Padrinho/Madrinha: Oliveira e Arminda

Capítulo 8: A Chegada de Duarte

O ano de 1931 trouxe consigo uma nova surpresa, uma vida que se anuncia sem alarde, mas que chegou para mudar a dinâmica da casa e do coração de Guiomar. Ela estava grávida novamente. Desta vez, um sentimento agridoce a acompanhou durante toda a gestação. Havia um desejo profundo, quase secreto, de que fosse um menino, uma esperança de que um novo filho homem pudesse, de alguma forma, preencher um pouco do imenso vazio deixado por Fernando, como se uma nova presença masculina pudesse amenizar a ausência da primeira.

O parto, como era costume e necessidade, aconteceu em casa. A mesma cena de força e dor se repetiu, com o auxílio das mesmas parteiras de mãos firmes e a presença indispensável de Arminda, que mais uma vez foi a rocha em que Guiomar se apoiou. E, quando o primeiro choro ecoou pela casa, a notícia se confirmou: era um menino.

Deram-lhe o nome de Duarte. Um nome forte, régio, que soava como uma promessa. Guiomar o segurou nos braços com uma emoção diferente da que sentirá com as gêmeas. Naquele pequeno rosto, ela buscava traços do filho distante, e em seu calor, um consolo para a alma. Duarte não substitui Fernando – nenhum filho substitui o outro – mas sua chegada foi como um bálsamo. Ele trouxe para o cotidiano de Guiomar um novo foco de amor, uma nova razão para lutar e a sensação de que a vida, apesar de tudo, insistia em lhe trazer também a alegria.

Mais uma vez, o casal amigo esteve presente para selar o novo laço. Oliveira e Arminda, já padrinhos das gêmeas, aceitaram com o coração aberto a honra de batizar também aquela nova criança. Na pequena igreja do bairro, Duarte foi consagrado, tendo ao seu lado os mesmos guardiões que haviam amparado sua família desde o primeiro dia em solo brasileiro.

Para Belisário, o nascimento de um filho homem foi um sopro de orgulho, um herdeiro que carregaria seu nome no Brasil. Para as meninas, Duarte era o novo centro das atenções, um boneco vivo que elas cobriam de beijos e cuidados. E para Guiomar, ele era a prova de que seu coração, mesmo ferido, ainda era capaz de se expandir, de amar com a mesma intensidade, de encontrar na maternidade a sua força mais inabalável. A chegada de Duarte não apagou o passado, mas trouxe uma nova luz para o presente, apaziguando, ainda que por instantes, as saudades que moravam em seu peito.

Capítulo 9: O Inventor de Sonhos

A realidade, com o tempo, impôs suas leis. A família no Brasil era agora uma pequena nação a ser alimentada, vestida e calçada. Guiomar e cinco filhos: Rosine, Maria do Céu, as gêmeas Fernanda e Adelaide, e o pequeno Duarte. Seis bocas no total, contando com a sua, mais a sombra da responsabilidade pelo filho que ficará em Portugal. Belisário sabia que o salário de corretor, inconstante como o humor do mercado, não bastaria para garantir o futuro daquela tribo. Era preciso mais. Era preciso o rasgo de gênio, a grande ideia que o redimiria de todas as dificuldades.

E assim, em paralelo ao seu trabalho, Belisário se tornou um alquimista de quintal. Seu espírito inquieto, que o levará a cruzar um oceano por uma desavença, agora se voltava para a invenção. Ele era um sonhador, um homem cheio de ideias que brotavam com a facilidade com que as ervas daninhas cresciam no quintal. Sua mente nunca parava, sempre à procura do próximo empreendimento, da fórmula mágica que o levaria à prosperidade.

Depois de algumas tentativas menores e sem sucesso, ele teve a sua grande epifania: um desodorante líquido. O odor daqueles tempos nas axilas, ele dizia para Guiomar com o brilho nos olhos de quem descobre a pólvora, era um mal que assombrava os homens. E ele, Belisário Retto, teria a cura.

Num canto do quintal, montou seu laboratório improvisado com garrafas, funis e um caldeirão. Misturava ervas, óleos e ingredientes secretos que anotava num caderno de capa gasta. O cheiro de suas experiências por vezes se misturava ao do feijão no fogão a lenha, criando uma fragrância exótica que era o perfume da ambição de Belisário.

Quando finalmente chegou à fórmula que julgou perfeita, ele mesmo foi a primeira cobaia e o principal garoto-propaganda. Com o mesmo "dom da conversa" com que vendia terrenos, ele passou a vender seu "Desodorante Trevo". E, para surpresa de muitos, o produto teve um relativo sucesso inicial. Vendia nos comércios do bairro, oferecia aos conhecidos, e alguns homens juravam ver suas axilas exalar um perfume incrível . Por um breve período, Belisário se sentiu um inventor de sucesso.

Contudo, a glória foi efêmera. Logo começaram a surgir as reclamações. O produto talvez até fizesse disfarçar o odor, mas trazia um efeito colateral indesejado: uma coceira infernal que vinha de brinde.

O sonho do Trevo milagroso se desfez em meio a coceiras e reclamações. Mas Belisário não era homem de se abater por muito tempo com um fracasso. Com a mesma facilidade com que se entusiasmara, ele abandonou o projeto. Limpou seu caldeirão, jogou fora as garrafas e, antes mesmo que Guiomar pudesse dizer "eu avisei", ele já estava com o olhar perdido no horizonte, sonhando com o próximo produto, a próxima grande ideia que, desta vez sim, o faria rico. Esse era Belisário: um semeador de sonhos, cujas colheitas raramente vingavam, mas que nunca deixava de arar a terra da imaginação.

Capítulo 10: O Homem que Vivia Fora

Definir Belisário era como tentar segurar um punhado de sol: ele aquecia, iluminava, mas também escapava por entre os dedos. Para o mundo de fora, para os amigos que ele cultivava com a dedicação de um jardineiro, Belisário era a personificação da alegria de viver. Orgulhoso de sua estirpe e de sua lábia, andava sempre de bom humor, com uma piada pronta e uma risada que retumbava e contagiava o ambiente.

Era um homem que precisava de plateia. Adorava uma reunião, uma mesa farta de amigos, conversas que se estendiam pela noite, sempre regadas a bom vinho. E fazia questão de que tudo fosse às suas custas. Era de uma generosidade impulsiva, quase imprudente, que encantava a todos. Na mesa, a palavra era seu reino. Ele dominava todos os assuntos, da política à poesia, da filosofia de botequim ao futebol. Falava com a autoridade de quem não apenas conhece os fatos, mas compreende a alma das coisas, e convencia qualquer um de suas verdades momentâneas.

Contudo, essa generosidade e esse brilho social tinham um custo, e quem pagava a conta era, invariavelmente, a sua própria família. Na sua ânsia de ser o anfitrião perfeito, o amigo ideal, Belisário esquecia-se da realidade que o esperava dentro de casa. Não era raro ele convidar, no meio da rua, três ou quatro amigos para um almoço de improviso, chegando em casa com seu séquito barulhento sem sequer imaginar se na despensa de Guiomar havia o suficiente para alimentar os próprios filhos.

Essa era a sua essência: ele não se preocupava com nada. Viver era um ato de improviso, um palco onde ele atuava com um otimismo teimoso, cego para as consequências. Para Belisário, tudo sempre se resolveria de alguma forma.

Mas essa mesma personalidade expansiva tinha um reverso. Seu temperamento era tempestivo, suas reações, diretas e, por vezes, rude. O mesmo homem que gargalhava com os amigos tinha um pavio curtíssimo. Uma contrariedade, um negócio que dava errado, uma crítica à sua mais recente ideia mirabolante, e o bom humor se desfazia, dando lugar a uma fúria súbita, uma tempestade tão rápida e intensa quanto suas alegrias.

Belisário era, em suma, um homem que vivia fora. Um sonhador, bondoso em sua essência, mas de uma forma expansiva e descuidada. Faltava-lhe o que a gíria popular brasileira define com perfeição: simancol. Ele não possuía o freio da prudência, a capacidade de olhar para dentro e medir o impacto de seus atos naqueles que mais o amavam. Era um dínamo de carisma e ideias, mas um dínamo que, sem controle, frequentemente deixava sua própria casa no escuro.

Capítulo 11: A Infância Desabrocha

O tempo, indiferente aos dramas e aos sonhos que habitavam a casa da Mooca, continuava sua marcha, e a prova mais visível de seu avanço estava no crescimento das crianças. Chegou o dia em que Maria do Céu, a pequena rainha da rua de terra, a diplomata de pés descalços, completou seus sete anos. Seu reino de brincadeiras livres e de conversas misturadas em português e italiano deu lugar ao universo mais sério e regrado do grupo escolar.

A transição, para ela, foi mais suave do que para a irmã. Na sua primeira manhã, não foi sozinha. Caminhou para a escola de mão dada com Rosine, que já era uma veterana naqueles corredores e conhecia os caminhos e os semblantes dos professores. A rua perdia sua principal monarca, mas a família ganhava mais uma leitora, mais uma mente sendo moldada pelos saberes da nova pátria.

Enquanto isso, dentro de casa, outra revolução silenciosa acontecia. As gêmeas, Fernanda e Adelaide, já andavam com a confiança de quem domina o mundo. Eram duas pequenas forças da natureza, explorando cada canto da casa, suas perninhas firmes levando-as a novas descobertas e a novas travessuras. Com este avanço, veio um alívio imenso para Guiomar: o fim da era das fraldas.

A montanha de fraldas de pano, que precisava ser lavada diariamente à mão, esfregada, quarada ao sol e passada a ferro, finalmente desapareceu dos varais do quintal. Era uma das tarefas mais pesadas e ingratas da maternidade daquela época, e seu término significou para Guiomar um respiro, um pouco mais de tempo e de força para se dedicar aos outros afazeres e, quem sabe, a si mesma.

A casa, agora, tinha uma nova sonoridade. O choro de bebês fora substituído pelo tropel dos pezinhos de Fernanda, Adelaide e do pequeno Duarte, que já ensaiava seus primeiros passos atrás das irmãs. Eram os sons de uma nova fase, de uma infância que desabrocha, enchendo o ambiente com uma energia vibrante. Para Guiomar, cada um desses marcos era um misto de alegria e melancolia. Via suas crianças crescendo, saudáveis e fortes, fincando raízes naquela terra. E em cada passo que davam rumo ao futuro no Brasil, ela sentia o passo do outro filho, tão longe, ecoando em seu coração.



Imagem gerada pela IA Gemini Foto da família em 1932 com a descrição das características de Belisário, Guiomar, Rosine(8), Maria do Céu(6), as gêmeas Adelaide e Fernanda(4) e Duarte(2)

Capítulo 12: O Sonho de Bronze

A roda da fortuna, que por tanto tempo pareceu girar de forma incerta, começou a encontrar um novo eixo para Belisário. O ponto de virada veio através de seu ofício: ao vender um imóvel na região central, ele conheceu um empresário, um homem sério e estabelecido, dono de uma loja de metais não ferrosos na tradicional Rua Florêncio de Abreu. Aquele era um mundo diferente da Mooca. Um mundo de negócios firmes, com o cheiro de bronze, níquel, chumbo, estanho, cobre no ar. O empresário ficou tão impressionado com a lábia, a autoridade e o carisma de Belisário que lhe fez uma proposta que mudaria seus destinos: convidou-o para ser o gerente da loja.

Foi ali, no balcão daquela loja, em meio a vergalhões, soldas e chapas de metal, que Belisário encontrou sua verdadeira vocação. Ele mergulhou naquele universo, aprendeu os segredos das ligas, a linguagem das fundições, a nobreza dos metais não ferrosos. O sonhador encontrou um sonho de concreto, ou melhor, de metais. Seu futuro, ele decidiu, não estava mais em desodorantes, mas em montar sua própria fundição de metais não ferrosos, com ligas diversas que se fundiam em temperaturas elevadas da queima de carvão e carvão coque.

O novo trabalho trouxe uma prosperidade que eles ainda não haviam conhecido. Como gerente, Belisário ganhava gordas comissões sobre as vendas, e sua habilidade de convencer as pessoas agora rendia frutos sólidos e constantes. O dinheiro entrava, mas a velha natureza de Belisário permanecia a mesma. E foi aí que o papel silencioso e fundamental de Guiomar se tornou a verdadeira pedra angular do progresso da família.

Enquanto Belisário era o caçador que trazia a caça farta, Guiomar era a guardiã do celeiro. Com a sabedoria de quem já conhecia a imprudência do marido, era ela quem administrava cada tostão. Separava o dinheiro para as despesas, para as crianças e, com uma disciplina férrea, guardava o excedente para o grande sonho da fundição. Sem a sua mão firme, a prosperidade teria se esvaído em jantares para os amigos e em novas ideias mirabolantes. Por quatro longos anos, ela acumulou em segredo os recursos que tornaram o futuro possível.

Neste período de bonança e planejamento, a família cresceu mais uma vez. Em 1933, nasceu a filha, a quem deram o nome de Arminda, numa homenagem emocionada à madrinha que, mais uma vez, aceitou a honra de batizar a criança, selando para sempre seu papel como anjo da guarda daquela família. Belisário tinha 33, Fernando 12, Rosine, 10, Céu 8, Fernanda e Adelaide 4 e Duarte 2 anos. Com Arminda, que acabara de nascer, a família tinha 9 indivíduos, sendo 5 portugueses e 4 brasileiros.

A vida na nova casa florescia, e a família continuava a crescer. Em 1937, quatro anos após a chegada de Arminda, nasceu Lucinda, a oitava e última filha do casal. A casa, que já era cheia de vida, encheu-se com mais um choro e mais um sorriso.

Com o dinheiro guardado por Guiomar, eles finalmente puderam procurar um terreno para a construção à época da casa ideal. Acharam-no no bairro da Água Rasa, uma região então periférica, vizinha da operária Mooca, também um reduto de imigrantes. A casa era a materialização de tudo o que precisavam: de frente para uma rua, com sala, três quartos, um banheiro, uma cozinha, na parte superior, dois quintais em declive onde instalada uma despensa para guarda de alimentos, bebidas, cuja temperatura era a necessária para a respectiva preservação, e um outro cômodo onde instalada uma sala de costura e um amplo quintal, onde instalado tanque para lavar roupas e um galinheiro. E, o mais importante, nos fundos, um grande espaço que dava para outra rua, o local adequado para um dia, instalar a sonhada fundição.

A mudança da Mooca para a Água Rasa foi um marco. Antes da aquisição do terreno e da construção da nova casa, alugaram um imóvel próximo de propriedade do senhor Armando Gonçalves Grilo, onde residiram por um bom tempo. Assim, deixaram para trás a pequena casa emprestada e se instalaram na primeira propriedade que era verdadeiramente sua. As crianças foram matriculadas no grupo escolar municipal do novo bairro, fincando raízes em mais um pedaço da geografia paulistana. A casa da Água Rasa não era apenas uma morada, era uma construção nova de tijolo e cimento, o alicerce sobre o qual Belisário sonhava construir seu império e Guiomar, a segurança de seus filhos.

A sorte, quando decide sorrir, o faz de forma generosa. O Brasil daquela época era um gigante despertando, um país que construía cidades, estradas e indústrias a um ritmo febril. E para construir, era preciso metal. Para unir

as peças, era preciso soldar. O negócio na Rua Florêncio de Abreu, portanto, não apenas prosperou; ele explodiu. A visão do dono, aliada à energia e ao talento de Belisário, foi uma combinação imbatível. Em poucos anos, a loja matriz se multiplicou, e o empresário já contava com três filiais nos pontos nevrálgicos do comércio paulistano, todas elas comandadas com mão de ferro e lábia de ouro por Belisário.

Com as comissões generosas e a participação nos lucros, os recursos que Guiomar guardava religiosamente já eram mais do que suficientes. O sonho da fundição deixou de ser um projeto no papel para se tornar um plano de ação. Havia uma demanda clara no mercado para os produtos que ele imaginava: solda de qualidade e um "metal patente" – uma liga especial para mancais e rolamentos – que ele, com seu orgulho inato, prontamente batizou e registrou com as suas próprias iniciais: B.M.R. (Belisário Machado Retto).

Ele apresentou a ideia ao seu patrão, não como um empregado que pede demissão, mas como um futuro parceiro de negócios. O empresário, um homem de visão, percebeu a genialidade da jogada. Faltavam fundições especializadas no país, e ter um fornecedor exclusivo, de confiança, seria uma vantagem estratégica imensa. A proposta veio na hora: o patrão entraria com parte do capital e indicaria dois amigos espanhóis como sócios para acelerar a montagem, e em troca, a Fundição B.M.R. forneceria seus produtos com exclusividade total para as suas lojas.

Belisário, impulsivo como sempre, topou de primeira. Não ponderou as amarras do contrato de exclusividade; a sociedade e apenas viu a porta de seu sonho escancarada.

O galpão nos fundos da casa da Água Rasa transformou-se num canteiro de obras. Fornos foram construídos, máquinas foram instaladas. E então, o milagre aconteceu. O fogo se acendeu, o metal derreteu, e a Fundição B.M.R. começou a produzir com auxílio dos sócios. O som da fábrica, o cheiro de metal quente e o brilho do bronze líquido se tornaram a nova sinfonia da vida de Belisário.

Ele se desdobrava. Os sócios supervisionavam a produção na fundição, garantindo a qualidade da sua marca, enquanto Belisário corria para o centro para gerenciar as três lojas. Trabalhava de sol a sol, movido por uma energia que parecia inesgotável. E era ricamente recompensado por isso. A família vivia uma fase de estabilidade e conforto que jamais imaginara.

Mas o destino, esse roteirista implacável, estava sempre à espreita. E ele apareceu na forma da notícia que chegava pelo rádio e pelas manchetes que Guiomar lia: uma nova guerra, de proporções mundiais, havia eclodido na Europa. Aos poucos, a economia global desacelerou, e o Brasil, mesmo distante do conflito, sentiu o impacto. As importações de matéria-prima ficaram difíceis, e o ritmo frenético do crescimento diminuiu.

Diante da nova realidade, Belisário tomou uma decisão estratégica. Era hora de proteger sua criação mais importante. Deixou a gerência das lojas para se dedicar exclusivamente à sua fundição. O tempo de ser o empregado de luxo havia acabado. Ele era agora, em tempo integral, o industrial, o capitão de seu próprio navio, navegando nas águas turbulentas que a Segunda Guerra Mundial começava a agitar. Com um pequeno financiamento comprou a parte dos sócios e ficou dono absoluto do negócio.

O ano de 1941 marcou a chegada de Antônio, o nono e último filho do clã, um novo membro que completava a numerosa família. Seu nascimento coincidiu com um período de grande apreensão mundial, pois a Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, começava a se intensificar e a impactar a vida em todos os cantos do planeta, inclusive no Brasil.

Naquela época, o Brasil vivia sob a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, que a princípio manteve uma posição de neutralidade no conflito. No entanto, a neutralidade não significava que a guerra não era sentida no dia a dia da população. Havia uma grande tensão no ar, especialmente a partir de 1942, quando submarinos alemães afundaram navios mercantes brasileiros, levando o Brasil a declarar guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

A vida para os brasileiros foi marcada por mudanças significativas. O governo implementou o racionamento de gasolina, e a escassez de produtos importados, como o trigo e o bacalhau, era uma realidade. A cultura norte-americana ganhava força, com a chegada de soldados americanos no nordeste do país e a popularização de novos costumes e produtos, como a Coca-Cola.

Para os imigrantes de países do Eixo e seus descendentes, o período foi particularmente difícil. A perseguição e a desconfiança eram constantes, e muitos foram vigiados ou até mesmo presos em campos de internamento. Falar alemão ou italiano em público era proibido em diversas localidades.

Enquanto a Força Expedicionária Brasileira (FEB) era enviada para lutar nos campos da Itália, o restante do país se mobilizava para o esforço de guerra, com campanhas de doação de metais e um forte apelo ao patriotismo. Foi nesse cenário de incertezas, sacrifícios e transformações que Antônio deu seus primeiros passos, em um Brasil que, assim como o resto do mundo, ansiava pelo fim do conflito e por dias de paz.



Rua Florêncio de Abreu - década de 1930

Capítulo 13: O Peso da Guerra e o Fio da Resiliência

O sonho metálico forjado no fogo da ambição de Belisário e na disciplina de Guiomar, logo seria testado por um fogo muito maior: o que consumia o mundo. A Segunda Guerra Mundial, que antes era uma notícia distante lida nos jornais e ouvida no rádio, tornou-se uma presença palpável e opressora dentro da casa na Água Rasa. A fundição B.M.R., o motor da prosperidade da família, viu-se subitamente navegando em águas traiçoeiras. Se por um lado a demanda por metais para o esforço de guerra era alta, por outro, a matéria-prima, vinda de além-mar, tornava-se rara e cara. A engrenagem do mundo rangia, e a pequena fábrica de Belisário sentia a vibração em seus alicerces.

A renda, que antes fluía com a generosidade das comissões, agora se resumia ao faturamento incerto da fundição, uma única fonte para sustentar onze almas. O racionamento, antes uma palavra abstrata, materializou-se na despensa cada vez mais parca de Guiomar. O trigo para o pão, o açúcar para adoçar o café, o bacalhau que aplacava as saudades de Portugal, tudo se tornou artigo de luxo, pesado, contado e, por vezes, ausente. Guiomar, a eterna guardiã, multiplicava os pães e os peixes com a alquimia do amor materno, mas via com o coração apertado a preocupação crescer no rosto de suas filhas mais velhas.

Foi então que a resiliência, tecida no DNA daquelas mulheres, encontrou um novo caminho. Rosine e Maria do Céu, vendo a luta silenciosa da mãe, transformaram a necessidade em ofício. A costura, antes um afazer doméstico, tornou-se sua trincheira no esforço de guerra familiar. Com uma máquina de costura a pedal, elas passavam as noites debruçadas sobre tecidos, reformando roupas, virando colarinhos, transformando vestidos de adultos em roupas para os irmãos mais novos. Cada pedalada era um ato de resistência; cada metro de linha, um fio de esperança que ajudava a tecer o sustento da casa.

Em meio a esse cenário de escassez e trabalho árduo, a vida insistiu em florescer. Em 1944, quando a guerra na Europa se aproximava de seu clímax sangrento, um raio de luz atravessou a rotina da família. Rosine, a primogênita, a primeira a aprender a ler na nova pátria, casou-se com Antônio Alves. A cerimônia foi simples, marcada pela contenção que os tempos exigiam, mas transbordante de uma emoção genuína. Para Guiomar, ver a filha no altar foi um misto de orgulho e melancolia; a primeira de suas meninas a formar um novo ninho, um ciclo que se renovava, sempre sob a sombra daquele outro filho, ausente.

Contudo, o destino, que lhes oferecera essa breve alegria, preparava o mais duro dos golpes. A força de Belisário, o homem cuja energia parecia inesgotável, começou a falhar. O inventor de sonhos, o capitão de seu próprio navio, sentiu seu corpo traí-lo. O que começou como um mal-estar persistente, uma dor que ele teimava em ignorar, evoluiu para um diagnóstico terrível que paralisou a família. Uma doença implacável atacou seus membros, e a palavra dos médicos soou como uma sentença: amputação.

Capítulo 14: O Gigante Acorrentado

A tragédia foi avassaladora. Belisário, o homem que vivia fora, que dominava os ambientes com sua presença e sua lábia, o industrial que andava orgulhoso pelo chão de sua fábrica, viu seu mundo desmoronar. A perda das pernas não foi apenas uma mutilação física; foi um ataque direto à sua essência, ao seu espírito inquieto e expansivo. O gigante foi confinado a uma cadeira de rodas, sua frustração ecoando pelas paredes da casa de forma mais intensa que qualquer fúria passageira do passado. O som metálico das rodas no assoalho de madeira tornou-se a nova e melancólica trilha sonora da família, um lembrete constante da mobilidade perdida e da impotência que o corroía.

A fortaleza da família estava abalada. Guiomar, a rocha silenciosa, agora tinha sob seus cuidados não apenas os filhos, mas também um marido ferido no corpo e na alma. O peso do mundo, que antes parecia dividido, agora repousava, quase por inteiro, sobre seus ombros. A família Bragança Retto, que sobrevivera à travessia , ao exílio , à revolução e à guerra, enfrentava agora sua batalha mais íntima e dolorosa.

Nessa batalha, contudo, o universo parecia já ter posicionado suas peças com uma antecipação visionária. A providência, ou talvez o simples acaso, colocara cada um em seu posto de combate. Rosine, a primogênita recém-casada com Antônio Alves, viu sua vocação para o cuidado ser posta à prova, tornando-se o braço direito da mãe na gestão da saúde e do moral da casa. E seu marido, Antonio, um jovem sério e trabalhador, foi a peça que o destino moveu para o coração da crise: com a bênção de um Belisário relutante e amargurado, ele assumiu o manejo da Fundição B.M.R. Era um fardo imenso para um recém-chegado, ser as pernas e a energia do sogro, garantindo que a única fonte de renda da família não se extinguisse com o apagar da vitalidade de seu fundador.

O fardo, de fato, era imenso e foi distribuído entre os ombros jovens que mal haviam se firmado. Em 1944, a hierarquia da casa foi redefinida pela necessidade. Maria do Céu, aos 19 anos, e as gêmeas Fernanda e Adelaide, com 15, formaram uma verdadeira cooperativa de costura. O zumbido da máquina a pedal era incessante, transformando-as de meninas em operárias domésticas. Elas não costuravam apenas para vestir a família; costuravam para fora, para as vizinhas, para qualquer um que pagasse alguns trocados por uma barra bem-feita ou um remendo. A juventude delas foi sacrificada no altar da sobrevivência, seus sonhos adiados a cada peça de roupa terminada.

O trabalho delas era crucial, pois quatro irmãos ainda estavam em idade escolar e precisavam de tudo. Duarte, com 13 anos, sentia o peso de ser o filho homem mais velho em casa, e já fazia estágio na Fundição, uma responsabilidade que o forçava a uma maturidade precoce. Arminda, aos 11, já era uma pequena adulta, ajudando a mãe nos cuidados com a casa e com os mais novos. E os pequenos, Lucinda, com 7 anos, e Antonio Bragança, com apenas 3, cresciam num ambiente de sussurros, de tensão e de um esforço coletivo que mal podiam compreender. As tarefas de sobrevida eram divididas por todos. Enquanto uns estudavam, outros cozinhavam; enquanto uns costuravam, outros cuidavam do quintal. A casa da Água Rasa transformou-se numa fortaleza sitiada, não por um inimigo externo, mas pela tragédia interna, e cada membro da família era um soldado em seu posto, lutando dia após dia pela dignidade e pelo pão.

Capítulo 15: A Chama Sob as Cinzas

A casa na Água Rasa, antes um símbolo de conquista, transformou-se no reino e na prisão de Belisário. O gigante acorrentado reinava a partir de seu leito, uma cama estrategicamente posicionada na sala para que pudesse observar o fluxo da vida que lhe fora roubada. De lá, ele governava com a única ferramenta que lhe restara intacta: a voz. E ela se tornara uma arma, ora afiada pela amargura, ora pesada pela melancolia.

Seu temperamento, já antes uma tempestade, agora era um vulcão em constante erupção. A frustração de depender de outros para os atos mais básicos — ser movido, banhado, vestido — corroía-o por dentro, e o veneno dessa corrosão transbordava sobre todos. Guiomar era seu alvo principal. Ele a acusava com o olhar, com o silêncio, com palavras cruéis que buscavam nela um espelho para sua própria dor. Cada gesto de cuidado dela era recebido como uma afronta, um lembrete de sua dependência. No entanto, Guiomar, herdeira de uma nobreza que não se media em terras, mas em resiliência, absorvia os golpes. Cuidava dele com uma dignidade quase sacerdotal, seu amor metamorfoseado em dever, sua paixão convertida em uma paciência infinita. Ela era a enfermeira de seu corpo e a para-raios de sua alma atormentada.

O comando da fundição tornou-se a obsessão de Belisário. Todas as tardes, o genro Antonio Alves sentava-se ao pé de sua cama para o mais tenso dos rituais: o relatório do dia. Com a paciência de um diplomata em território hostil, Antonio detalhava a produção, as vendas, as dificuldades com a matéria-prima. Belisário ouvia, o rosto contraído, interrompendo com ordens ríspidas, críticas à gestão, questionamentos que beiravam a desconfiança. "Não foi assim que te ensinei!", "Estás a deixar que te enganem!", "Esse metal não tem o brilho certo!". Ele não conseguia ver o esforço hercúleo do jovem em manter seu sonho vivo; via apenas a imagem insuportável de outro homem ocupando seu lugar, andando pelo chão de sua fábrica.

Para Antonio Alves, cada dia era uma prova de fogo. Ele não era apenas o gestor da B.M.R.; era o guardião de um legado e o escudo que protegia a família da fúria do sogro. Sua juventude e a de Rosine foram consumidas nesse esforço. Enquanto ele enfrentava a batalha na fundição, Rosine enfrentava a guerra doméstica, mediando os conflitos, cuidando do pai nos intervalos da mãe e tentando manter um fiapo de normalidade para os irmãos mais novos.

A máquina de costura continuava seu zumbido noite adentro, um mantra de sobrevivência. Maria do Céu, Fernanda e Adelaide tornaram-se as fadas fiandeiras da casa. Seus dedos jovens, que deveriam estar virando as páginas de romances ou aprendendo a tocar piano, estavam calejados pelo manuseio de agulhas e tesouras. O dinheiro que ganhavam era sagrado, entregue nas mãos de Guiomar para comprar o leite, o pão, os cadernos da escola. Elas viam a juventude passar pela janela, nas risadas das moças da vizinhança que iam aos bailes de domingo, enquanto as suas noites eram preenchidas pelo ritmo da máquina e pela responsabilidade que lhes envelhecia os ombros.

Nesse cenário de sombras, a luz vinha dos mais novos. Lucinda e o pequeno Antônio Bragança, com a inocência que a infância protege, criaram seu próprio mundo. Brincavam no quintal, alheios à densidade que pairava na sala. Suas gargalhadas eram um ato de subversão, um lembrete de que, apesar da dor e da dificuldade, a vida pulsava teimosamente. Eram eles que, por vezes, conseguiam arrancar um raro vislumbre do antigo Belisário. Antônio, com seus três anos, subia na cama do pai e, com a mãozinha pequena, afagava o rosto barbado do homem que, por um instante, deixava a máscara de amargura cair, revelando o gigante ferido por trás do tirano.

Assim, a família Bragança Retto reconfigurou-se. Não era mais uma tribo liderada por um patriarca forte, mas um organismo vivo que aprendera a sobreviver com o coração ferido. Cada membro encontrou seu lugar, sua função, seu sacrifício. Eram peças de uma engrenagem movida pela necessidade e cimentada por um amor que, embora não dito e muitas vezes maltratado, era a chama que ardia sob as cinzas da tragédia, recusando-se a apagar.

Capítulo 16: A Genealogia da Saudade

Um nome é a primeira vestimenta que se dá a uma alma. É, ao mesmo tempo, uma herança, uma profecia e uma âncora. Na saga da família Bragança Retto, o batismo de cada filho foi um ato que transcendia a tradição; era um capítulo da própria história, um reflexo do solo que pisavam e, acima de tudo, do estado de espírito de Guiomar. Ao se observar a genealogia dos nomes, não se veem apenas certidões de nascimento, mas o retrato de duas mulheres que habitavam o mesmo corpo: a Guiomar de Portugal e a Guiomar do Brasil.

A primeira, a Guiomar portuguesa, era uma mulher que ainda sonhava o futuro. Seus pés fincados na terra natal, seu coração preenchido pela fé e pela cultura de seu povo. As escolhas para seus três primeiros filhos são o testamento dessa esperança. Para o primogênito, **Fernando**, buscaram a nobreza da própria História. O nome ecoava a realeza de Portugal, um tributo a um rei famoso, uma declaração de que aquele menino nascera para ser grande, para carregar o legado com força e distinção. Era o nome da ambição e da promessa.

Para a filha seguinte, a escolha revelava a face culta e delicada de Guiomar. **Rosine**, o diminutivo francês para rosa, era um toque de refinamento, um sopro de poesia numa vida que ainda podia se permitir sonhar com a beleza e a elegância da Europa. Era um nome que não falava de reis, mas de jardins e de uma feminilidade sonhada. E, por fim, **Maria do Céu**, a coroação da identidade mais profunda de Guiomar. O nome era uma prece, um ato de entrega à sua fé inabalável, colocando a filha sob a proteção divina. Era a tradução literal da alma de uma mulher para quem o sagrado era o ar que respirava e ainda uma homenagem à irmã de Belisário. Realeza, beleza e fé: estes eram os pilares do mundo que a família construía em Portugal.

Então, o navio Serpa Pinto cortou o Atlântico e, com ele, a vida de Guiomar em duas. A mulher que desembarcou em Santos era outra. O exílio e a ferida da ausência a transformaram. A partir daquele momento, seus olhos não se voltavam mais para o futuro, mas teimosamente para o passado, para o outro lado do mar. Os nomes de seus filhos brasileiros são a prova pungente dessa metamorfose.

Quando as gêmeas nasceram naquela casa humilde da Mooca, em meio à dor do parto e da saudade, Guiomar não buscou inspiração nos santos ou nos poetas. Ela buscou no seu coração fraturado. À primeira menina deu o nome de **Fernanda**, um eco feminino e desesperado do filho que lhe fora subtraído. Era uma tentativa de materializar o ausente, de dar-lhe um corpo e uma presença na nova família, um laço de carne e osso com a metade que ficara para trás. A segunda gêmea, **Adelaide**, completou o memorial vivo: era o nome da sogra, a mãe de Belisário, a avó que ficara em Portugal com a missão de cuidar de Fernando. Com esses dois nomes, Guiomar tecia, com os fios da própria dor, uma ponte sobre o oceano, unindo a criança perdida à guardiã que o amparava.

A lógica da homenagem, uma vez estabelecida, tornou-se a nova tradição da família no exílio. Chegou **Duarte**, e seu nome foi um tributo ao avô paterno, o pai de Belisário. Depois, em um gesto de gratidão que selava a importância da nova rede de afetos, nasceu **Arminda**, a homenagem viva e pulsante à madrinha, ao anjo da guarda que os acolhera em terra estranha. Neste episódio há uma história que consagra as homenagens que o casal fazia ao dar nomes aos seus filhos. Na verdade, Arminda deveria se chamar Lucinda. Acontece que o Belisário depois de brigar com o padrinho Oliveira, ao fazer as pazes, resolve homenagear a madrinha, esposa de Oliveira, dando o nome de Arminda, ao invés de Lucinda. A seguir, Guiomar voltou-se para suas próprias raízes, para a saudade de seus pais, batizando as filhas seguintes de **Lucinda** e o último filho de **Antonio**, em honra à sua mãe e ao seu pai.

Fica assim, gravada na certidão de seus nove filhos, a história das duas Guiomares. A de Portugal, que nomeava com a tinta da esperança, sonhando com reis, flores e o céu. E a do Brasil, a exilada, a mãe-coragem, que nomeava com a tinta da memória, transformando seus filhos em monumentos vivos de suas perdas, de suas lealdades e de suas saudades. Cada nome, um tijolo na reconstrução de um mundo que desabara, um mapa que não apontava para o futuro, mas para a geografia sagrada do coração.

Capítulo 17: Um Quintal para Duas Famílias

No tempo em que a casa da Água Rasa se tornara uma fortaleza de silêncio e dor, governada pelo zumbido da máquina de costura e pelo ranger das rodas da cadeira de Belisário, o destino, com sua ironia sutil, decidiu que o antídoto para o veneno da amargura seria o barulho da vida. E a vida chegou de sopetão, com sotaque lusitano e o cheiro forte de queijo curado. A casa vizinha, há muito vazia, foi finalmente ocupada.

Os novos moradores eram portugueses, uma família de feirantes que parecia carregar o sol de sua terra na própria pele. O patriarca era Armando, um homem de peito largo, mãos grossas de trabalho e uma gargalhada que parecia capaz de derrubar muros. Sua esposa, Tininha, era o seu contraponto perfeito: miúda, de gestos rápidos e um olhar que via tudo, uma mulher de uma energia prática e acolhedora. Com eles, vinha um pequeno batalhão de filhos que logo tomou conta da rua: o Toninho e Zequinha, a espevitada Milé; a doce Elza; e os menores, Nelson e Valdemar, dois redemoinhos de poeira e alegria.

A ponte entre as duas casas foi erguida não com tijolos, mas com sotaques partilhados e a cumplicidade imediata dos exilados. Foi Tininha quem deu o primeiro passo. Vendo a figura de Guiomar no quintal, uma mulher cuja nobreza e tristeza eram visíveis a distância, ela atravessou a calçada de terra com um queijo fresco nas mãos e um simples "Boa tarde, vizinha. Soube que também é da nossa gente".

Para Guiomar, aquele gesto foi como abrir uma janela num quarto abafado. Na conversa que se seguiu, reconheceu em Tininha a mesma fibra, a mesma luta, a mesma saudade. A amizade floresceu com a naturalidade das ervas do campo. Logo, Armando, ao voltar da feira, passou a fazer uma parada obrigatória na casa dos Retto. Entrava sem cerimônia, trazia sempre o melhor de sua banca — queijos de todos os tipos, manteiga fresca, requeijão — e sentava-se ao lado de Belisário. Com sua conversa franca sobre os preços do mercado e as fofocas da comunidade portuguesa, Armando conseguia, por vezes, o que parecia impossível: arrancar um vislumbre de interesse do gigante acorrentado, um breve desvio de sua dor.

Mas a verdadeira fusão aconteceu nos quintais. A calçada que separava as duas propriedades tornaram-se meras sugestões geográficas. Os filhos de Armando e Tininha, com sua energia contagiante, invadiram o mundo dos Retto. O quintal, antes palco das brincadeiras mais contidas de Lucinda e Antônio Bragança, transformou-se num território livre, um campo de futebol improvisado, um esconderijo para segredos e uma república infantil governada por Zequinha e Duarte.

Milé e Elza tornaram-se as companheiras inseparáveis de Arminda, Lucinda e Adelaide. As casas viviam cheias. O som das crianças correndo de um lado para o outro, seus gritos e risadas, sobrepôs-se ao ritmo melancólico da costura. Para Maria do Céu, Fernanda e Adelaide, que viam a juventude escorrer entre os dedos na labuta diária, observar aquela explosão de vida pela janela era um alento, um lembrete de uma infância que elas próprias mal puderam viver em plenitude.

A casa dos Retto, antes um santuário de responsabilidades, voltou a ser um lar. E a cozinha de Guiomar, enriquecida pela generosidade dos feirantes, tornou-se o coração dessa nova e grande família. As panelas no fogão a carvão agora cozinhavam para mais gente, o pão era dividido entre mais mãos e a mesa, embora ainda marcada por ausências e dificuldades, estava sempre rodeada pela certeza reconfortante da amizade.

Os Armando e os Retto tornaram-se uma única tribo, unida pela saudade da mesma terra e pela necessidade de fincar raízes em solo novo. Eram vizinhos, conterrâneos, compadres de alma. E provaram que, por vezes, a família que o destino nos dá é tão forte e vital quanto aquela em que nascemos. Naqueles anos de chumbo, a chegada dos feirantes de laticínios foi o milagre que lembrou à família Bragança Retto que a alegria, mesmo quando parece perdida, pode simplesmente estar morando na casa ao lado.

Capítulo 18: Um Chão Chamado Água Rasa

A mudança da Mooca para a Água Rasa no início da década de 1930 foi mais do que uma simples troca de endereço; foi a troca de um abrigo temporário por uma promessa de futuro. Se a Mooca, com sua urgência operária e casas emprestadas, representava o exílio e a adaptação forçada, a Água Rasa era a aposta em um chão para chamar de seu. O bairro, vizinho à Mooca, mas com uma identidade própria, era um reflexo da São Paulo que se espreguiçava para além de seu núcleo industrial, um lugar onde o urbano e o rural ainda conversavam.

Naqueles tempos, a Água Rasa era uma colcha de retalhos. A Avenida Sapopemba, a espinha dorsal do bairro onde a família agora fincava raízes no número 270, era uma artéria de calçamento irregular de paralelepípedos, um luxo perto das ruas transversais, que em sua maioria eram de terra batida. Essas ruas secundárias se transformavam em um mar de poeira nos dias secos e um lamaçal nos de chuva, mas eram o palco de uma vida comunitária intensa.

O bairro era um território de transição. Ao lado de casas de classe média operária, como a que os Retto haviam construído, ainda existiam grandes chácaras com pomares, ranchos e vastos campos de várzea. Esses campos, aos domingos, viravam arenas sagradas onde times de futebol amador, como o recém-fundado Sete de Setembro e América Futebol Clube, disputavam partidas acaloradas que atraíam boa parte da vizinhança. O ar era uma mistura do apito das fábricas distantes com o cheiro de mato e terra molhada.

O comércio era para o básico, para o essencial. Havia a padaria, a mercearia de secos e molhados, e o ir e vir constante dos entregadores de pão e de leite, cujas carroças puxadas por cavalos anunciavam o início de mais um dia com o som das ferraduras no chão. Para qualquer coisa além disso, era preciso tomar o único ônibus que ligava o bairro ao centro da cidade, uma aventura por si só. A educação das crianças era garantida pelo grupo escolar municipal, o único da região, e por um mais austero colégio de freiras. A fé da comunidade se reunia em uma única e modesta igreja.

Foi nesse cenário que a casa da família Retto se tornou um universo próprio. Localizada de frente para a Avenida Sapopemba, a residência era a materialização de tudo o que precisavam e sonhavam. Com três dormitórios, uma sala, uma meiga cozinha e, um banheiro cujo chuveiro ficava dentro da banheira, a casa era um porto seguro. Havia ainda uma despensa, que sob o comando de Guiomar, vivia abarrotada. O bacalhau inteiro, vindo em grandes postas, ficava pendurado, curando, sempre pronto para ser dessalgado e transformado em um banquete que aplacava a saudade de Portugal. Sacos de batatas, arroz, cebolas, paios portugueses, se empilhavam nos cantos, garantindo o sustento da grande prole.

Um dos cômodos foi transformado em quarto de costura, o centro nevrálgico da resistência econômica das filhas mais velhas. Ali, entre retalhos e carretéis de linha, Rosine, Maria do Céu, e mais tarde as gêmeas, passavam horas trabalhando para ajudar no sustento da casa. O quintal era um ecossistema de subsistência. Um grande tanque estava sempre ocupado, e varais com enormes folhas de zinco eram usados para secar as roupas da família numerosa. No galinheiro, galinhas ciscosas garantiam os ovos e a carne para as refeições de domingo, e não raro, um ou dois porcos eram criados para o abate.

Guiomar, em seus raros momentos de paz, gostava de se sentar no quintal, espalhando milho para um bando fiel de pombas. Sempre rodeada por cachorros, ela encontrava na lealdade dos animais um conforto silencioso. A casa tinha ainda uma varanda na frente, que funcionava como uma extensão social da sala, um lugar para sentar ao fim da tarde e conversar com os amigos e vizinhos que passavam. Um porão guardava os tesouros e as tralhas da família, e escadas internas e externas conectavam os diferentes níveis da casa construída.

Nos fundos do terreno, uma escadaria descia para o coração do sonho de Belisário: a fundição. Instalada em um grande galpão, com um pequeno escritório anexo, a Fundição B.M.R. tinha sua própria saída para a rua de trás, a Rua Pirajá, 179. Era um mundo à parte, onde o cheiro de metal derretido se misturava ao ar doméstico.

O portão da casa na Avenida Sapopemba vivia aberto, um convite permanente. O entra e sai de filhos, amigos e vizinhos era constante. Aos domingos, a casa se transformava no epicentro da vida social da família. Belisário, em sua ânsia de ser o anfitrião perfeito, mandava vir tonéis de vinho do Rio Grande do Sul. Os filhos, então, tinham a tarefa de engarrafar a bebida, um ritual que precedia a festa. Da Companhia Antarctica chegavam as caixas de soda, que misturada ao vinho, criava uma bebida refrescante que alegrava as longas

tardes de verão. A sala, de vez em quando, tinha os móveis arrastados para o canto e se convertia em uma animada pista de dança.

Naquela casa da Água Rasa, a família Bragança Retto não apenas morava; ela pulsava. Era uma fortaleza de trabalho, um palco de festas, uma teia de afetos e um símbolo da resiliência de quem, finalmente, havia encontrado seu próprio chão no novo mundo.

A casa na Avenida Sapopemba não era apenas um lar; tornou-se uma colmeia humana, um ponto de convergência magnético para todos que carregavam o sangue ou o afeto dos Retto. Em seus dias mais movimentados, o espaço era frequentado por no mínimo 39 pessoas, uma contagem que incluía os filhos, os recém-chegados genros e noras, a prole crescente de netos e os vizinhos que já se haviam tornado parte da mobília afetiva. A vida social da família girava em torno de rituais sagrados, e o principal deles era o almoço de domingo. A demanda era tamanha que a refeição era servida em dois turnos: o primeiro, mais barulhento e caótico, para os netos; o segundo, para os adultos, que podiam finalmente comer e conversar com mais calma. Para dar conta de tal empreitada, o fogão a carvão praticamente não conhecia descanso, mantendo-se aceso em um estado de prontidão perpétua.

As tardes eram marcadas por outro rito: o café com leite, uma pausa no dia onde alguns membros da família se reuniam para manter os assuntos em dia, compartilhar novidades e reforçar os laços. A casa da Água Rasa exercia uma atração tão forte que, naturalmente, logo após o casamento, seus filhos vinham morar como satélites, orbitando a casa de Guiomar a poucos metros de distância. As visitas não precisavam de convite ou planejamento; podiam ser feitas a pé, vencendo facilmente os poucos metros que separavam as moradias dos recém-casados.

Tendo em vista a quantidade de visitantes, o portão da casa de Guiomar permanecia sempre aberto. Só se fechava à noite, e mesmo assim, sem grande preocupação com gatunos. Naquela época, a crônica policial do bairro se resumia a um ou outro caso de ladrão de galinha, e mesmo isso era raro. A casa parecia ter sido projetada para essa vida em comunidade: oferecia todas as condições e a configuração ideal para acomodar as brincadeiras das crianças em seu amplo quintal, enquanto os adultos se concentravam na cozinha, o ponto de encontro natural e coração pulsante do lar. Foi nesse ambiente seguro e familiar, que a maioria dos netos nasceu, trazidos ao mundo com a ajuda de parteiras. Essa fase de crescimento foi acompanhada de perto pelo **Dr. Dellape**, o primeiro grande médico a frequentar a casa, tornando-se uma presença constante e tranquilizadora nos primeiros anos da família no bairro. A maioria dos nascimentos foram coroados com o convite dos pais ao padrinho e madrinha exercer essa função. Desta forma, quase a totalidade de filhos da Guiomar e alguns netos tinham Arminda(madrinha) e Oliveira(padrinho) como padrinhos.

Se a casa de Guiomar era o centro administrativo e emocional da família, a casa de Fernanda, a mais próxima, tornou-se o seu anexo social. Havia uma convergência natural que levava a família a ora estar na casa de Guiomar, ora na de Fernanda. A residência dela possuía uma enorme garagem que dava inveja a muitos salões de festas de hoje em dia, tornando-se o palco preferido para festas, aniversários, confraternizações, casamentos e bailes. Somava-se a isso a hospitalidade contagiante de Fernanda, que, com sua grande cozinha sempre em movimento, não deixava ninguém ir embora sem provar algo que tivesse feito. Suas reuniões eram sinônimo de risos e gozações. E quando Fernanda se juntava com a Céu e a Lucinda, o encontro se transformava em um verdadeiro teatro de comédia, com piadas e histórias que arrancavam gargalhadas de todos.

Foi também na casa da Água Rasa que a cultura ganhou um espaço nobre. Um piano foi instalado para que Lucinda, formada em um conservatório, pudesse ensinar o ofício a outras pessoas. A chegada do instrumento foi um evento monumental para a família e para a vizinhança. Nos primeiros acordes que tocou, Lucinda mostrou sua genialidade, preenchendo a casa com uma melodia que parecia adormecida nas paredes. Muitas pessoas passaram a estudar música com ela, que, uma vez por ano, promovia uma "audição" de seus alunos para um público convidado no colégio de freiras Nossa Senhora de Lourdes, um evento de grande prestígio para a comunidade.

Com o tempo, vieram as inevitáveis despedidas. Depois do falecimento de Belisário e Guiomar, a casa ficou aos cuidados de duas figuras essenciais: Arminda (Mimi), a cozinheira de mão cheia, e Adelaide (Lalá), responsável pela limpeza e ordem. O hábito das visitas, iniciado por Guiomar, não se perdeu; agora, eram Mimi e Lalá que recebiam a todos com o mesmo carinho. Formou-se um

grupo inseparável de cinco solteiras – Mimi, Lalá, Elza, Nilce e Lili – que viviam sempre juntas e se visitavam pontualmente para o café da tarde.

No entanto, a longa história da casa da Água Rasa não foi feita apenas de alegrias. Tragédias, como raios em um dia de sol, atingiram a família e sua órbita. A primeira foi o atropelamento de um menino, que veio a óbito, pelo Sr. Armando, o feirante do bairro. A segunda foi uma brincadeira de mau gosto envolvendo o marido da Milé, filha do feirante; ao pousar uma arma no balcão de um bar, ela disparou e atingiu um senhor, que também faleceu. O homem nunca mais se recuperou psicologicamente desta fatalidade. A terceira foi uma queda sofrida por Elza, outra filha do feirante, que a deixou acamada para sempre. A quarta, talvez a mais dolorosa para a família, foi a morte súbita da neta Regina, aos 25 anos. Seu corpo foi velado na sala da casa da Água Rasa, e o cortejo fúnebre que se seguiu foi o maior enterro a pé da história do bairro. Teve ainda o tiroteio que atingiu Acácio, marido da Céu, que quase veio a óbito. A última grande tristeza foi um AVC- Acidente Vascular Cerebral, que, já em idade avançada, roubou a fala de Mimi. Esses anos mais tardios, marcados pela fragilidade da velhice, foram amparados pelos cuidados do Dr. Willian, que sucedeu o Dr. Dellape como o médico da família, tratando a todos com enorme dedicação até o fim.

Ainda assim, ao se colocar na balança as memórias daquele chão, o peso dos momentos felizes superava, de longe, todas as dores. As risadas na cozinha, a música do piano, o corre-corre das crianças no quintal e o portão sempre aberto eram a prova de que a vida, naquela casa, havia sido extraordinariamente plena.

Capítulo 19 - Os membros da família na Água Rasa

Rosine: A Força do Cuidado e a Melodia da Gratidão

Na grande tapeçaria da família Bragança Retto, o fio que representa Rosine, a filha mais velha, brilha com uma luz de notável complexidade e força. Sua vida foi um testemunho do poder do amor incondicional, uma sinfonia composta por notas de alegria contagiante, um profundo senso de dever e uma resiliência extraordinária que ecoa através das gerações.

Desde muito jovem, o caráter de Rosine foi moldado pela responsabilidade. Enquanto suas colegas do grupo escolar da Mooca se dedicavam exclusivamente aos estudos e às brincadeiras da juventude, a rotina de Rosine era dupla. Com uma maturidade além de sua idade, ela dividia seu tempo entre os livros e a nobre e exigente tarefa de cuidar da família. Essa dedicação precoce não era um fardo, mas uma expressão de seu imenso amor, estabelecendo o pilar central sobre o qual sua vida seria construída: o cuidado com os seus.

O destino a uniu a Antônio, um jovem que trabalhava na Padaria Bragança, o coração comercial da família. Embora os detalhes exatos de como seus olhares se cruzaram pela primeira vez tenham se perdido nas brumas do tempo, a conexão foi genuína e forte. Em 1944, aos 21 anos, Rosine casou-se com Antônio, iniciando um novo capítulo de sua vida. No entanto, o "sim" dito no altar não significou o fim de sua missão como filha. Mesmo construindo sua própria família, ela continuou a ser o amparo de seu pai, demonstrando uma lealdade e um amor que não conheciam limites nem divisões.

Para a família, Rosine era a presença luminosa, a alma vibrante das reuniões. Seu sorriso era um convite à alegria, e sua energia tinha o poder de dissipar qualquer melancolia. Ela era o coração pulsante do lar, uma trabalhadora incansável que orquestrava a vida doméstica com maestria e afeto, dedicando-se à criação de seus quatro filhos: **Marco Antonio**, **Regina**, **Sergio e Belisário**. Contudo, por baixo dessa fachada radiante, Rosine travava uma batalha silenciosa e particular contra a depressão.

Essa luta interna foi tragicamente aprofundada pela dor mais devastadora que uma mãe pode enfrentar: a perda de sua filha, **Regina**, aos 25 anos de idade. Esse golpe cruel testou sua força até o limite, mergulhando-a em um luto profundo. Foi nesse abismo de sofrimento que sua verdadeira essência se revelou com ainda mais clareza. Em vez de se render à amargura, Rosine abraçou conscientemente uma filosofia de vida que se tornou seu mantra: "agrade sempre". Era sua escolha diária focar no bem, buscar a paz e encontrar motivos para a gratidão, mesmo quando seu coração estava devastado.

Sua própria saúde também lhe apresentava desafios, levando-a a frequentes consultas médicas. Nessas jornadas, ela raramente estava sozinha, contando com a companhia fiel de sua irmã mais nova, Lucinda. Esses momentos, embora motivados pela necessidade, fortaleciam os laços fraternos e demonstravam a rede de apoio e carinho que permeava a família.

Rosine partiu aos 63 anos, deixando um legado inesquecível. Sua vida nos ensinou que é possível ser, ao mesmo tempo, forte e sensível, alegre e sofrido. Ela provou que a verdadeira força não reside na ausência de dor, mas na capacidade de perseverar através dela um coração grato. Rosine foi a personificação do amor que se doa, da resiliência que inspira e da alegria que persiste, uma luz eterna na história da família Bragança Retto.

Maria do Céu: A Guardiã das Histórias

Se em cada família há uma alma que serve como âncora, na prole de Bragança Retto essa força tranquila e, ao mesmo tempo, vibrante, era a última de suas filhas nascida em solo português. Sua personalidade era um tecido rico, tramado com os fios contrastantes de uma infância alegre e uma maturidade laboriosa. Quem a via na meninice, recordaria de uma garota de riso solto, cujas brincadeiras ecoavam pelas ruas, uma centelha de pura vivacidade. Contudo, essa mesma energia foi, desde cedo, canalizada para um propósito maior: o bem-estar da família.

Ainda muito jovem, seus dedos ágeis aprenderam a arte da costura. A máquina de costura tornou-se sua companheira, e o som ritmado da agulha perfurando o tecido era a trilha sonora de sua dedicação. Ela não apenas costurava roupas; ela remendava as dificuldades, alinhavava o futuro e tecia, ponto a ponto, a segurança e o conforto dos seus. Mais do que uma profissão, ser costureira foi sua primeira grande expressão de amor e responsabilidade familiar, um papel que desempenhou com a mesma competência com que mais tarde guiaria sua própria

casa. Ser "família" e "trabalhadora" não eram apenas qualidades, mas a definição de sua existência.

Sua confiança era notável. Portava-se com uma segurança natural, uma certeza de quem conhecia seu próprio valor e o peso de sua palavra. Não era arrogância, mas uma firmeza que inspirava respeito e que a tornava um pilar para quem a procurava. Essa autoconfiança talvez explicasse uma de suas características mais peculiares e fascinantes: o seu apreço por velórios.

Para a maioria, um velório é um lugar de tristeza e introspecção, mas para ela, era um palco vital da experiência humana. Não havia nada de mórbido em seu interesse; pelo contrário, era uma profunda reverência pela vida que se encerrava. Ela entendia que ali, em meio às despedidas, as histórias mais autênticas eram contadas. Cada velório era uma biblioteca viva, um lugar para honrar, ouvir e, acima de tudo, lembrar. Ela ia para prestar respeito, mas também para colher as memórias que ficavam, garantindo que não se perdessem no silêncio do luto.

E era natural que assim fosse, pois ela era, em sua essência, uma contadora de histórias. Tinha uma memória prodigiosa e o dom de narrar. Fosse um evento da comunidade, uma anedota da infância em Portugal ou a saga de um vizinho, ela contava com uma vivacidade que transportava o ouvinte. Era a cronista não oficial da família e de seu tempo, a guardiã das memórias que davam cor e profundidade à linhagem dos Bragança Retto.

Ao casar-se com Acácio, um contador, ela uniu sua arte prática e manual à lógica e precisão dos números. Formaram uma parceria equilibrada, um lar sólido onde criaram seus dois filhos, Danilo e Mauro. A eles, ela certamente legou não apenas o exemplo do trabalho, mas também o tesouro de suas infindáveis histórias, garantindo que o fio da memória da família, aquele que ela tão zelosamente costurou durante toda a vida, jamais se partisse.

Fernanda: A Matriarca do Riso

Na saga da família Bragança Retto, há capítulos escritos com a tinta da saudade e outros com a do sacrifício. O de Fernanda, no entanto, parece ter sido redigido com a mais pura e contagiante alegria. Ela foi uma das metades das "gêmeas do exílio", Maria Fernanda, a Nanda, nascida em solo brasileiro apenas quatro meses após a travessia do Atlântico. Ao seu lado, a irmã bivitelina, Maria Adelaide, a Lalá. Eram o dia e a noite em aparência: Nanda, alta, loira, de olhos azuis como o mar que as separou da origem; Lalá, mais baixa, de cabelos castanhos e olhos verdes como a esperança.

Geradas em Portugal, mas nascidas no Brasil em 1929, um detalhe no cartório lhes deu uma peculiaridade que Nanda usaria como seu estandarte de humor pelo resto da vida: registradas apenas em 1930, ela insistia, com uma piscadela, que era um ano mais jovem. E esse era o seu mote, a risada fácil, a capacidade de encontrar leveza em cada fresta da vida.

Sua infância foi um rosário de travessuras, especialmente quando em companhia da irmã mais velha, Maria do Céu. A combinação das duas era uma promessa infalível de gargalhadas. As histórias que contavam eram pequenas joias de uma meninice vivida com intensidade: a audácia de roubar morangos da horta da vizinha, os relatos de flertes inocentes e o pavor cômico de um macaquinho que, segundo elas, assombrava o caminho para a escola. O pai, Belisário, tentava impor uma disciplina rígida, liberando as filhas apenas 15 minutos antes do portão do Grupo Escolar Antonio de Queiróz Teles fechar, numa tentativa vã de evitar brincadeiras pela rua. Mal sabia ele que a "arte" de Fernanda não precisava de muito tempo para acontecer. Apesar de ter cursado apenas até a quarta série, sua mente era afiada; gabava-se, com razão, de fazer contas de cabeça mais rápido que muitos ginasianos.

A transição da menina travessa para a jovem de responsabilidades foi forjada no fogo da necessidade. Durante a Segunda Guerra, com seus 12 ou 13 anos, a escassez impôs-lhe uma missão de gente grande. Era Fernanda quem acordava antes do sol para enfrentar a fila na Padaria Bragança, onde o racionamento liberava apenas um filão de pão por família. Ela contava, rindo, do seu método infalível de justiça e proteção: ao chegar em casa, cortava o pão em dez fatias matematicamente iguais, guardava-as numa lata e, para garantir que nenhum apressado pegasse mais do que a sua parte, sentava-se em cima, distribuindo o tesouro um a um na hora do café.

Já moça, diplomou-se em costura e, com seus bordados, ajudou a sustentar a casa. Sua energia parecia inesgotável. Era ela a encarregada da tarefa hercúlea de lixar e encerar os tacos da sala e ficava furiosa quando, após um

dos bailes que se davam ali, encontrava o chão todo riscado. E, com uma naturalidade que espantava os mais sensíveis, era também ela quem cumpria o rito dos domingos: torcer o pescoço da galinha que se tornaria o almoço farto na cozinha aconchegante da mãe Guiomar.

Casou-se com Jolmerim (Mirim) em 1950, teve três filhas, Eliane, Marisa e Mara e transformou a elegância em hábito. Mesmo para as compras do dia a dia, estava sempre impecável: no salto, no batom, com o cabelo bem cortado. Sua devoção à mãe e às irmãs era um ritual sagrado. Enquanto Guiomar viveu, as noites terminavam invariavelmente com a reunião das irmãs em sua casa. Após a partida da matriarca, o centro gravitacional da família mudou-se, naturalmente, para o lar de Fernanda.

Sua casa tornou-se o novo porto seguro. A enorme cozinha com sua mesa oval era o palco diário do café com leite da tarde, do pão na chapa, dos inesquecíveis bolos de maçã e banana e da lendária torta de nozes com goiabada, cuja receita secreta morreu com ela, pois ninguém jamais conseguiu reproduzi-la com a mesma maestria. Fernanda era a personificação da hospitalidade. Não havia viva alma que saísse sem ter provado ao menos um prato de sopa ou um pedaço de bolo, e ninguém ousava recusar, pois era sempre vencido por sua insistência carinhosa. Eram assíduas frequentadoras as irmãs Maria do Céu, Adelaide e Arminda e a cunhada Nilce. Apareciam também por lá a Rosine, Lucinda, Duarte e o Antonio Bragança. A casa vivia cheia. Era o amor da Guiomar em mutação no lar da Fernanda.

Mulher de fé, frequentava a missa aos domingos e, ao lado da irmã Céu, não perdia um velório sequer, um hábito que mesclava o respeito à comunidade com a oportunidade de socializar. Era profundamente altruísta, sempre cuidando dos doentes e ajudando os necessitados. Para as netas, foi uma segunda mãe, adormecendo-as ao som de "Carinhoso" e "A Estrela Dalva". E quem a conheceu jamais esquecerá seu dito espirituoso, lançado com um sorriso maroto: "Antes, para te ver, pulava 30 quintais. Hoje, pra não te ver, pulo 30 ou muito mais".

Assim foi sua existência: agregando pessoas, unindo os de perto e os de longe. Sua mesa foi o altar onde a família aprendeu a lição mais bela do cristianismo: a comunhão no partir do pão entre irmãos. Foi feliz e, mais do que isso, irradiou felicidade. E até hoje, a simples menção de seu nome, Nanda, é capaz de arrancar um sorriso, a prova de que sua alegria foi o legado mais duradouro que deixou.

Adelaide: A Guardiã e Enfermeira da Família

Adelaide é a personificação da mudança, uma força da natureza movida por uma mente inquieta e um profundo senso de justiça. Embora seu espírito a levasse a questionar o mundo, foi dentro de casa que sua paixão encontrou sua causa mais urgente: a proteção e o bem-estar de sua família.

Movida por uma lealdade inabalável, Adelaide era a guardiã do clã. Defendia a família com unhas e dentes, e não permitia que ninguém, de dentro ou de fora, falasse mal de um de seus membros. Sua coragem não se manifestava apenas em grandes ideais, mas na defesa diária dos seus, tornando-se a voz dissonante contra qualquer palavra ou ato que considerasse injusto para com um irmão ou parente.

Essa vocação para o cuidado se estendia ao corpo e ao lar. Adelaide era a enfermeira da família, sempre disposta a cuidar dos enfermos com uma dedicação incansável. Enquanto suas mãos trabalhavam para aliviar a dor dos outros, ela também assumia a responsabilidade pela faxina da grande casa na Água Rasa, uma tarefa árdua que garantia a ordem em meio ao caos da vida. Assim como suas irmãs, contribuía para o sustento da casa costurando para fora, mostrando que sua energia para transformar a realidade era, acima de tudo, prática e incansável.

Por trás da fachada de defensora feroz e trabalhadora metódica, havia um coração capaz de laços profundos, sendo muito amiga de sua irmã Arminda. Sua presença era um convite à reflexão e à ação, provando que a maior das revoluções é, por vezes, a luta silenciosa e determinada pelo bem-estar e pela dignidade daqueles que se ama.

Duarte: A Armadura do "Durão" com um Coração de Ouro

Duarte é a personificação da estabilidade e da força silenciosa. Ele demonstra seu amor e cuidado através de ações, não de palavras. É o pilar em que todos se apoiam em momentos de crise, mantendo a calma e a racionalidade quando outros entram em pânico. Não é de expressar abertamente suas emoções, preferindo lidar com suas lutas internamente. Sua maior motivação é prover segurança e estabilidade para as pessoas que ama. É extremamente confiável, responsável e metódico. Sua presença transmite uma sensação de segurança; ele é a rocha firme em meio à tempestade.

A essência de Duarte foi moldada aos 18 anos, num momento decisivo que definiu todo o curso de sua vida. Forçado a abandonar o sonho de uma carreira militar após o falecimento de seu pai, ele assumiu o papel de "arrimo de família". Este ato de abnegação não foi temporário; ele efetivamente "abriu mão da própria vida para cuidar da vida dos outros". Tornou-se o protetor de sua mãe, irmãos e sobrinhos, assumindo essa responsabilidade com a seriedade e a força que a situação exigia.

Para cumprir seu papel, Duarte desenvolveu uma persona de "pulso firme", um "durão". Essa fachada era reforçada por seu temperamento natural de ariano: teimoso, genioso e, na juventude, até briguento. Durante a semana, era visto como um homem sério e "carrancudo". Contudo, por trás dessa armadura construída pela necessidade, batia "o melhor coração" que a família já conheceu. Sua dureza era um escudo para proteger e prover e jamais um reflexo de sua alma.

Duarte não era um homem de demonstrações efusivas de afeto. Seu amor não se manifestava em beijos e abraços, mas em atitudes concretas e constantes. Sua maior nobreza era sua capacidade de enxergar e valorizar aqueles que a sociedade ignora. Ele se importava profundamente com os invisíveis: "o pobre, o que não tem dinheiro, mas tem coração, caráter e sentimentos". Vivia por um código de honra e generosidade, resumido em seu lema: "Temos que dar pra quem precisa, pois, quem já tem, pode comprar". O gesto de sempre ter trocado no carro para a criança no farol era a materialização diária de sua filosofia.

Assim como outros em sua família, Duarte possuía uma dualidade marcante. O homem sério da semana se transformava ao chegar em seu refúgio: o campo. Lá, a vida simples o despia de sua carranca, e ele se tornava uma pessoa alegre, descontraída e um contador de histórias, que se sentava à mesa para entreter a todos com casos engraçados. Era nesse ambiente que ele recarregava as energias e mostrava seu lado mais leve.

Embora sua missão inicial tenha sido amparar a família estendida, o coração de seu mundo foi o lar que ele construiu. Ao lado de sua esposa, **Mirna**, Duarte formou sua própria família, o centro de sua dedicação e a maior fonte de seu orgulho. Dessa união nasceram seus dois filhos, **Marcia e Flavio**, que se tornaram os principais destinatários de seu amor protetor, expresso em ações e segurança. Profundamente "temente a Deus" e "muito família", Duarte era também um trabalhador incansável. Amava o que fazia e só parou aos 81 anos, quando faleceu. Sua vida foi um testemunho de dever, força e integridade. Ele foi o homem que trocou seu sonho pessoal por uma missão maior: a segurança e o bem-estar de sua família, deixando um legado de caráter e amor silencioso, mas imensamente poderoso.

Além do pilar da família e do trabalhador incansável, Duarte revelava outra de suas grandes paixões nos campos de futebol de várzea, onde seu espírito de liderança e seu fervor encontravam um palco natural.

Sua identidade paulistana era inseparável de sua paixão pelo Corinthians. Duarte não era apenas um torcedor; era um "corintiano fervoroso", uma identidade que carregava com a mesma intensidade e teimosia de seu temperamento ariano. O amor pelo clube era uma extensão de seus valores: a garra, a origem popular e uma lealdade que não se abala nas dificuldades. Influenciou a maioria dos sobrinhos.

A paixão de Duarte pelo futebol não se limitava às arquibancadas. Com um forte senso de comunidade, ele colocou a mão na massa e tornou-se uma figura central no desenvolvimento do esporte no bairro da Água Rasa. Seu espírito empreendedor o levou a fundar o América Futebol Clube, um time de várzea que era mais do que uma equipe: era um ponto de encontro, uma válvula de escape e uma oportunidade para os jovens do bairro. Ao criar o clube, ele estava, à sua maneira, cuidando da comunidade, oferecendo um espaço de lazer e pertencimento.

Seu prestígio e sua capacidade de organização o levaram ainda mais longe. Duarte alcançou o ápice de sua influência no futebol local ao presidir o Conselho do Sete de Setembro Futebol Clube, a agremiação mais importante e tradicional da Água Rasa. Assumir a presidência do Conselho do principal clube do bairro era um atestado do imenso respeito que ele comandava. Ali, seu "pulso firme" e sua seriedade, antes vistos no comando da família e dos negócios, eram aplicados para organizar, administrar e fortalecer o Conselho cuja instituição no campo desportivo é até a atualidade, orgulho do bairro.

Esses feitos demonstram que, mesmo tendo abdicado de uma carreira militar, Duarte nunca abandonou sua vocação para liderar. Ele canalizou essa energia para construir e comandar no universo que mais amava fora da família: o futebol de várzea, deixando um legado não apenas como o pilar de sua casa, mas também como uma lenda do esporte em seu bairro.

Arminda: A Diplomata Nata

Arminda é a personificação da calma e do equilíbrio. Por trás de sua serenidade, habitava a alma sensível de uma **poetisa**, uma faceta que talvez explicasse sua característica mais distintiva: o talento raro de enxergar com clareza todos os lados de uma questão. Essa habilidade a posicionava, naturalmente, como mediadora em qualquer situação. Ela não buscava o destaque, mas sim a harmonia, e sua presença tinha o poder de tranquilizar os ambientes mais tensos.

Onde há conflito, Arminda atua como uma ponte. Sua abordagem para resolver problemas não é através da imposição, mas da compreensão. Como uma ouvinte excepcional, ela oferece paciência e atenção genuína, permitindo que todos se sintam ouvidos e validados. Ela detesta confrontos e ambientes caóticos, preferindo usar sua diplomacia inata e profunda empatia para suavizar arestas, construir consenso e encontrar soluções justas que beneficiem a todos os envolvidos.

As pessoas são naturalmente atraídas por sua aura de serenidade e confiam nela para mediar disputas, pois sabem que sua análise será sempre justa e imparcial. Ela não toma partidos; seu compromisso é com a verdade e com a paz. Seus valores fundamentais são a cooperação, a estabilidade e a gentileza, e ela vive esses princípios em todas as suas interações. Em um mundo polarizado, Arminda é a força serena que lembra a todos do poder do diálogo e da importância de encontrar um terreno comum.

Arminda ou Mimi, como era conhecida, não frequentou o Instituto Rio Branco e tão pouco o Itamarati mas seria um grande exemplo de conduta para muitos diplomatas de carreira.

Essa profunda capacidade de compreensão do ser humano não se limitava à sua função de mediadora. Arminda era uma **poetisa**, com um **livro de poesias publicado**, onde expressava em versos a mesma sensibilidade e empatia que aplicava em suas relações. Sua poesia era o reflexo de seu mundo interior: um lugar de observação, gentileza e uma busca incessante pela beleza e pelo equilíbrio, tanto nas palavras quanto nas ações. Conheça o trabalho de Arminda **acessando o anexo** deste livro com todas as suas poesias e suas músicas através do link

https://www.youtube.com/playlist?list=PL77TlJC6EPrlyXqRTWW2VZVt44z3IxC4o

Lucinda: A Contadora de Histórias Carismática e professora de piano

Para Lucinda, o mundo é um grande palco, e ela nasceu para brilhar nele. Sua personalidade é uma explosão de vivacidade, charme e um senso de humor contagiante que ilumina qualquer ambiente em que ela entra. Longe de ser tímida ou reservada, ela adora ser o centro das atenções, onde sua energia vibrante pode ser compartilhada com todos.

Dotada de um talento natural para a comunicação, Lucinda é uma contadora de histórias nata. De forma expressiva e por vezes dramática, ela consegue cativar qualquer audiência, transformando um relato simples em uma aventura fascinante. Ela se alimenta da interação social, sentindo-se mais viva e realizada quando está conectando, entretendo e arrancando risadas das pessoas ao seu redor.

É importante notar que seu desejo de estar no centro não vem do ego, mas de uma alegria genuína e transbordante. Sua maior motivação é compartilhar sua luz, trazer diversão e inspiração para a vida dos outros. Com seu carisma, Lucinda tem o dom especial de transformar o mundano em mágico, fazendo com que

cada momento ao seu lado pareça mais brilhante e memorável.

Formou-se e dedicou sua carreira ao ensino do piano principalmente para as crianças Tinha o dom natural de levar uma criança à fase adulta com os ensinamentos magistrais de uma pianista nata.

Casou-se com Mario e teve duas filhas, Lucimar e Luciane.

Antonio Bragança: A Mente Estratégica e Competitiva

Antonio Bragança é a personificação da fortaleza serena. Sua presença transmite uma sensação imediata de segurança e estabilidade, não por meio de palavras grandiosas, mas através de uma força silenciosa e de ações consistentes. Ele é o pilar em que a família e os amigos se apoiam, a rocha firme que permanece inabalável em meio às tempestades da vida.

O amor e o cuidado de Antonio se manifestam em atitudes. Sua maior motivação é prover segurança e estabilidade para as pessoas que ama, e ele assume essa responsabilidade com uma calma e racionalidade admiráveis, especialmente em momentos de crise. É um homem extremamente confiável, que lida com suas próprias lutas internamente para não sobrecarregar os outros, reforçando seu papel de protetor.

Por trás de sua calma exterior, há uma mente incansavelmente ativa e um espírito competitivo. Antonio encara a vida como um grande tabuleiro de xadrez, sempre pensando três passos à frente. Ele é um estrategista nato, com uma capacidade notável de analisar situações complexas, identificar padrões e desenvolver soluções eficazes. A competição o energiza, e ele estabelece metas altas para si mesmo, trabalhando com disciplina e foco para alcançá-las. Obstáculos não o intimidam; são vistos como oportunidades para testar sua resiliência e aprimorar suas táticas. Suas decisões são guiadas pela lógica e pela razão, valorizando a inteligência e a competência acima de tudo.

Essa mesma capacidade analítica que o torna um grande estrategista também o transforma em um diplomata excepcional. Antonio possui uma aversão natural ao conflito desnecessário e um senso de justiça apurado. Em momentos de discórdia, ele é a voz da razão. Com uma empatia genuína e uma calma ponderada, ele ouve todos os lados de uma questão sem tomar partido, buscando incansavelmente o consenso e o meio-termo. As pessoas confiam em sua imparcialidade, fazendo dele o pacificador do grupo, alguém que se dedica a construir pontes em vez de muros.

A união destas características também o levou a ser um jogador de futebol exemplar com um chute muito forte na cobrança de faltas que uma vez fez uma trave tremer com a pancada. Estudou no colégio São Bento, ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco por sua dedicação ao estudo e reconhecimento do trabalho da família para que ele atingisse essa posição. É o orgulho da família. Por sua inteira competência tem hoje um dos mais respeitados escritórios de advocacia da cidade de São Paulo.

Casou-se com Vilma e teve dois filhos, Marcel e Mauren



Da direita para a esquerda: Antônio Bragança, Maria do Céu, Lucinda, Fernanda, Adelaide, Arminda, Duarte e ao centro embaixo Rosine.

Capítulo 20: Os Frutos da Travessia – A Expansão do Clã

O tempo, que um dia foi um adversário a ser vencido a cada dia de luta na Água Rasa, tornou-se um aliado, tecendo o futuro da família Bragança Retto com os fios da continuidade. As sementes de resiliência plantadas por Belisário e Guiomar, e regadas com o sacrifício de seus nove filhos, germinaram e floresceram, dando origem a uma nova e vasta geração. Os netos, a primeira leva a nascer majoritariamente sob o céu do Brasil, foram a prova viva de que as raízes, embora transplantadas, fincaram com força na nova terra.

Dezessete netos formaram a terceira geração do clã, um testemunho da vitalidade da família que se espalhou por dois continentes, mantendo o laço com a origem portuguesa. A ordem de seu nascimento conta a história dessa expansão:

Pedro (nascido em Portugal), Marco Antônio, Regina, Sergio, Danilo, Belisário, Eliane, Maria João (nascida em Portugal), Mauro, Marisa, Mara, Márcia, Lucimar, Flavio, Luciani, Marcel e Mauren.

Cada um, a seu tempo, seguiu seu próprio caminho, tecendo novas famílias e expandindo o legado dos Bragança Retto:

- **Pedro**, o neto português, casou-se com Eduarda: teve os filhos: Lia e Gui.
- **Marco Antônio** casou-se com Marilis.
- **Regina** teve sua jornada tragicamente interrompida, falecendo aos 24 anos.
- **Sérgio** teve os filhos: André e Daniel. Daniel, o primogênito tragicamente desaparecido em afogamento.
- **Danilo** teve as filhas: Adriana, Karla e Karina.
- **Belisario** teve os filhos: Gustavo e Rodrigo. Casou-se com Anita.
- **Eliane** seguiu seu caminho como mulher solteira.
- **Maria João**, a neta portuguesa, teve o filho: Miguel. Casou-se com Jorge.
- **Mauro** teve os filhos: Ricardo, Ronaldo e Renata. Casou-se com Marília.
- **Marisa** teve os filhos: Philipe e Paula. Casou-se com Rilton
- **Mara** teve as filhas: Alessandra, Andreza e Adriana. Casou-se com Marcos
- **Márcia** teve os filhos: Thiago, Mariany e Fabio. Casou-se com Armando
- **Lucimar** teve as filhas: Heloisa e Beatriz. Casou-se com Marco Antônio
- **Flavio** teve os filhos: Guilherme e Gustavo. Casou-se com Carla
- **Luciani** teve os filhos: Martina e Pedro. Casou-se com Mario
- **Marcel** teve o filho: Enzo. Casou-se com Daniella
- **Mauren** casou-se com Eduardo.

O círculo da vida, no entanto, não parou por aí. A terceira geração, por sua vez, deu origem à quarta, trazendo ao mundo os bisnetos de Belisário e Guiomar. Vinte e oito novos membros do clã, carregando em seus nomes a herança de uma saga que começou com uma dolorosa travessia atlântica. Eles são a prova definitiva da vitória da família:

Lia, Gui, André, Daniel, Adriana, Karla, Karina, Gustavo, Rodrigo, Miguel, Ricardo, Ronaldo, Renata, Felipe, Paula, Alessandra, Andreza, Adriana, Heloisa, Beatriz, Thiago, Mariany, Fabio, Guilherme, Gustavo, Martina, Pedro e Enzo.

Esses nomes não são apenas uma lista; são o eco de uma história, a personificação da esperança e o futuro de um legado construído com saudade, trabalho, suor e um amor inabalável.

Capítulo 21: A realização do sonho de Fernando, depois de 29 anos

O dia 16 de julho de 1958 amanheceu na Água Rasa não como um dia comum, mas como a página final de um livro de saudade que levara 29 anos para ser lido. A excitação era uma corrente elétrica que percorria a casa, pondo todos de pé antes mesmo que o sol se firmasse no céu. A família inteira, um verdadeiro clã agora espalhado em seus próprios lares, convergiu para o ponto da chegada. A Água Rasa desceu a serra em caravana, uma frota de carros e corações rumo ao porto de Santos.

No cais, a brisa salgada do mar, que para Guiomar sempre fora o perfume da separação, hoje trazia uma promessa de reencontro. Ali estava ela, uma matriarca de postura nobre, rodeada por sua prole brasileira: Rosine e seu marido Antônio Alves; Maria do Céu com Acácio; as gêmeas Fernanda, acompanhada de Mirim, e Adelaide; o pilar Duarte; as mais novas, Arminda e Lucinda; e o caçula, Antônio Bragança. A terceira geração também se fazia presente, uma prole barulhenta e ansiosa formada por Marco Antonio, Regina, Sergio, Belisario, Danilo, Mauro, Eliane e Marisa. Todos os olhares se fixavam no horizonte, esperando o navio que traria a peça que faltava na engrenagem daquela família.

Quando o imponente navio Lumiére atracou, um silêncio carregado de expectativa caiu sobre o grupo. Os passageiros começaram a desembarcar, um fluxo de rostos anônimos que aumentava a tensão a cada segundo. Então, o tempo parou.Fernando apareceu no convés e foi imediatamente reconhecido pela mãe Guiomar que disse aos prantos: olhá lá seu irmão ! Após o desembarque, surgiu um homem de ombros largos, com um jeito de andar que era ao mesmo tempo firme e hesitante, como se procurasse algo que sua memória mal podia conter.

Vinte e nove anos, quase onze mil dias de ausência, se desfizeram num instante. Antes que qualquer um pudesse apontar ou sussurrar, a voz de Guiomar soou, não com um grito, mas com a certeza de quem reconhece a própria alma: "Fernando".

O instinto de mãe, essa força que desafia o tempo e a distância, manifestou-se de forma avassaladora. Ela não via o homem de 37 anos; via o menino de oito que ficara no cais do Porto. O reconhecimento foi o estopim para uma explosão de emoções contidas por três décadas. A choradeira foi generalizada e comovente. As lágrimas de Guiomar eram de uma dor antiga que finalmente encontrava consolo; as dos irmãos, de uma curiosidade que se transformava em afeto; as dos sobrinhos, de uma emoção herdada que eles sentiam sem compreender por completo.

Atrás de Fernando, como quem emerge de um sonho, vinha sua família portuguesa. Marisa, sua esposa, com um sorriso tímido e os olhos marejados diante daquela recepção avassaladora. E os filhos, os elos vivos que completavam a ponte sobre o Atlântico: Pedro, um rapaz de 13 anos que olhava tudo com a curiosidade séria da adolescência, e a pequena Maria João, de 4 anos, agarrada às pernas da mãe, assustada e maravilhada com aquele turbilhão de abraços.

As apresentações foram um balé confuso de nomes, beijos e apertos de mão. Cada irmão e cunhado queria seu momento, cada sobrinho era apresentado, e Fernando, com a voz embargada, tentava conectar os rostos aos nomes que conhecia apenas das cartas de sua mãe. As pessoas ao lado, igualmente atentas àquele turbilhão de emoções indagavam sobre o reencontro e num gesto de extrema solidariedade, da mesma forma, se comoviam com a ocorrência.

Para celebrar aquele momento histórico, a família havia reservado um andar inteiro de um restaurante na tradicional Praça dos Andradas, em Santos. O almoço foi uma festa de proporções épicas, uma confraternização que se estendeu por horas a fio. As mesas fartas eram um detalhe perto da fome de histórias, do desejo de recuperar o tempo perdido. As risadas se misturavam às lágrimas, e o som das conversas cruzadas criava a mais bela sinfonia familiar.

Ao anoitecer, a caravana refez o caminho pela serra, agora maior, mais completa. A família de Fernando ficou hospedada na casa de Guiomar. A residência da Água Rasa, que nos dias normais já vivia cheia, tornou-se o epicentro de uma alegre superpopulação. Onde antes havia espaço, agora havia colchões e a felicidade contagiante de ter a casa abarrotada de adultos e crianças.

Os dias que se seguiram foram uma maratona de afeto. Cada família já constituída fez questão de receber os visitantes ilustres para almoços em suas próprias casas. Os convites para passeios não paravam. A família dos queijeiros, os vizinhos Armando e Tininha e sua prole, também participaram

ativamente dos encontros, trazendo seus queijos e sua alegria contagiante, celebrando a chegada dos conterrâneos. Tudo era festa, tudo era novidade.

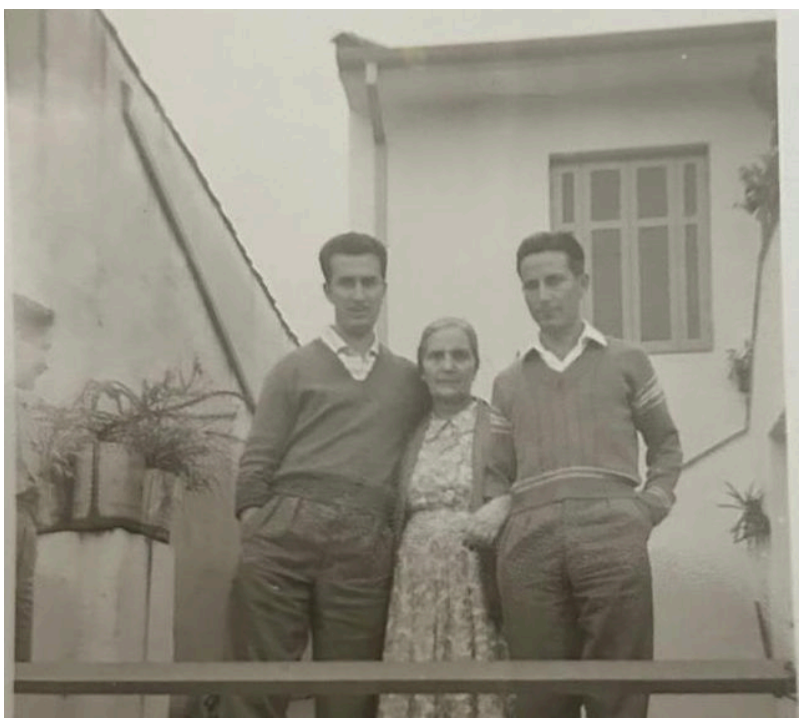
Para as crianças brasileiras, a chegada dos primos portugueses foi uma revelação. A linguagem de Pedro e, especialmente, da pequena Maria João, era uma fonte de fascínio e graça. Palavras e expressões diferentes, embora o idioma fosse o mesmo, geravam momentos de confusão e muitas gargalhadas. As brincadeiras do outro lado do Atlântico vieram na bagagem de Maria João, que, com a desenvoltura de seus quatro anos, logo estava no centro da roda, ensinando novas canções portuguesas às primas e primos. Foi uma fusão cultural significativa, tecida nos quintais e na sala de estar. Todos queriam brincar com Pedro e Maria João, os visitantes que, sem saber, estavam ajudando a costurar os dois pedaços da história da família que o oceano um dia ousara separar.



Foto de 1958: Chegada de Fernando, Marisa, Pedro e Maria João no porto de Santos







Capítulo 22: A Noite de papai noel trágica

Na casa da Água Rasa, o Natal era mais que uma data; era um ritual sagrado de união. Todos os anos, a residência de Guiomar se transformava no epicentro da celebração, um porto seguro onde a família, cada vez maior, se reunia para festejar. As portas, como o coração da matriarca, permaneciam sempre abertas, e a noite transcorria em meio a risadas, ao aroma das comidas festivas e à alegria contagiante das crianças.

Naquele ano em particular, a celebração seguia seu curso habitual. A família estava reunida na cozinha, o coração pulsante da casa, partilhando histórias e a ceia, quando, por volta das 23h30, a harmonia foi brutalmente rompida. Da avenida, um grito desesperado rasgou o som das canções natalinas. Era a voz de uma mulher, clamando por socorro.

Antes que pudessem entender o que acontecia, uma figura feminina, movida pelo mais puro pavor, atravessou o portão aberto. Ela não parou no quintal; subiu as escadas em disparada e irrompeu na cozinha, no meio de todos. O choque foi total e silenciou o ambiente. A mulher estava completamente nua, seu corpo tremendo e seu rosto banhado em lágrimas de terror.

A reação das mulheres da família foi instantânea e instintiva. Sem uma palavra, Guiomar, Rosine, Maria do Céu e as outras a envolveram, cobrindo seu corpo com toalhas e mantas, oferecendo um escudo contra o mundo que a havia violentado. Entre soluços, a mulher conseguiu balbuciar que um homem a perseguia, que havia tentado estuprá-la e que ela conseguira escapar por um triz.

Enquanto as mulheres acolhiam, os homens agiam. A menção ao agressor foi o estopim para uma fúria protetora. Sem pestanejar, Duarte e os outros homens da família saíram em busca do malfeitor. Não precisaram ir longe. O homem já estava quase alcançando o portão da casa, sua intenção clara. O que se seguiu foi a justiça imposta pelas próprias mãos. O estuprador levou a maior surra de sua vida, uma retribuição tão severa que, ao final, mal conseguia se mover.

A família, mesmo em sua fúria, não o deixou à própria sorte. Entenderam que a justiça precisava seguir seu curso formal. Levaram o agressor, agora gravemente ferido, ao hospital. Duarte, usando de seus contatos, chamou um amigo, o delegado de plantão, para que fosse até lá. O criminoso recebeu tratamento médico sob a vigilância da polícia e foi formalmente preso e algemado em sua cama no hospital.

De volta à casa, a noite de Natal se ressignificou. A festa dera lugar a uma missão de cuidado. As filhas de Guiomar alimentaram a mulher, acalmaram seu choro e a ouviram com paciência e empatia. Quando a poeira assentou e a celebração se deu por encerrada, não a deixaram sozinha. Fizeram questão de acompanhá-la até sua casa, garantindo que o pesadelo daquela noite terminasse em segurança. Naquele Natal, a família Bragança Retto não celebrou apenas o nascimento de Cristo; celebrou, com seus atos, os valores mais profundos de proteção, justiça e humanidade.

Capítulo 23: Os Refúgios da Alegria

Em meio à rotina de trabalho árduo, dos sacrifícios impostos pela vida e das sombras que por vezes pairavam sobre a casa da Água Rasa, a família Bragança Retto soube, com maestria, construir seus próprios oásis de felicidade. Eram fugas programadas, rituais de lazer que serviam para recarregar a alma, fortalecer os laços e criar o tesouro mais valioso de todos: as memórias afetivas.

Aos finais de semana de sol, um dos destinos preferidos era a Represa Billings, em especial a Ilha do Bororé. A viagem em si já era uma aventura, com os carros cheios de crianças, cestas de vime e uma alegria antecipada. Ali, longe do cinza da cidade e do barulho da fundição, a família encontrava um cenário quase bucólico. Estendiam toalhas xadrez sobre a grama e desfrutavam de piqueniques simples, onde o sabor da comida caseira parecia ainda mais delicioso ao ar livre. Enquanto os adultos conversavam à sombra das árvores, as crianças corriam livres, explorando a natureza, sentindo o cheiro de mato e a liberdade que o horizonte vasto da represa oferecia.

Contudo, a grande apoteose da alegria familiar acontecia durante o Carnaval. Por vários anos, o clã Bragança Retto trocou o samba da cidade pela nostalgia das marchinhas em Poços de Caldas. A cidade mineira, com seu charme de estância hidromineral, ainda mantinha as tradições dos antigos carnavais. A família inteira ia junto, numa verdadeira expedição. Alugavam uma casa grande o suficiente para abrigar a tribo e, com uma praticidade que lhes era característica, espalhavam colchões pelo chão, transformando cada cômodo num grande dormitório coletivo.

A folia era democrática e dividida por gerações. A criançada tinha seu próprio roteiro de aventuras: andavam a cavalo pelas paisagens bucólicas e, com a energia inesgotável da infância, subiam a pé até o Cristo Redentor, de onde contemplavam a cidade em festa.

Enquanto isso, os adultos se entregavam a um prazer mais sereno. O ponto de encontro era a praça central. Ali, sentados nas mesas dos cafés, deliciavam-se com a "meia de seda", o coquetel doce e cremoso que era a cara daquela época, e assistiam ao espetáculo do corso. Carros enfeitados desfilavam lentamente, repletos de jovens fantasiados que, entre serpentinas e confetes, travavam animadas batalhas de lança-perfume, enchendo o ar com seu aroma adocicado e proibido. Tudo era imensamente divertido, uma imersão num tempo mais ingênuo, comunitário e solidário.

Havia também as escapadas mais rápidas para as praias de Santos, um reencontro com o mar que, se um dia fora símbolo de separação, agora era palco de brincadeiras e descanso. Eram momentos mais simples, mas igualmente preciosos.

Fosse na grama de Bororé, no corso de Poços de Caldas ou na areia de Santos, esses momentos eram a prova de que, para os Bragança Retto, a maior riqueza não estava na fundição ou nos bens que acumulavam, mas na capacidade de estarem juntos, partilhando a simplicidade e a alegria de viver.

Capítulo 24: O Chão da União: A Chácara da Família

Na década de 1960, com os filhos já encaminhados e a família ramificada em novos lares, um desejo coletivo começou a tomar forma: o de ter um pedaço de terra que fosse, oficialmente, o território da união. O clã decidiu, em conjunto, adquirir um terreno no município de Vargem Grande Paulista, a 45 km da rodovia Raposo Tavares. A ideia era simples e poderosa: criar um espaço de confraternização, um refúgio longe da cidade onde as futuras gerações pudessem construir suas próprias memórias. O projeto inicial visava o essencial para a alegria: um quiosque, uma churrasqueira e banheiros.

A materialização do sonho começou com o trabalho braçal. Aos finais de semana, um verdadeiro pelotão de homens e crianças se dirigia ao terreno, que era coberto por mata nativa e alguns eucaliptos. Enquanto os adultos empunhavam machados e enxadas para limpar a área, a criançada transformava a labuta em uma grande aventura. Para eles, cada árvore derrubada, cada monte de mato retirado, era parte de uma brincadeira sob o céu aberto.

Com o passar dos meses, o esforço conjunto deu seus primeiros frutos. O quiosque, uma estrutura rústica e acolhedora, foi erguido, junto com um banheiro que garantia o conforto mínimo. A partir de então, os finais de semana ganharam um novo destino. Carregando o essencial para a festa — carvão, carne, pão e refrigerantes —, a família inteira se reunia para celebrar.

Foi nesse período que Guiomar, num gesto de quem planta para o futuro, fincou na terra uma muda de castanheira. A árvore, paciente, levou décadas para frutificar, mas hoje se ergue imensa, um monumento vivo à perseverança da matriarca, presenteando a família com frutos abundantes a cada temporada.

O que era um ponto de encontro começou, aos poucos, a se transformar num verdadeiro complexo familiar. Vendo o potencial daquele refúgio, os filhos começaram a adquirir os lotes vizinhos. Lucinda e seu marido, Mario, compraram o terreno que fazia divisa com o de Guiomar e ali construíram sua casa. Duarte e Mirna fizeram o mesmo, erguendo outro lar anexo ao da matriarca. Antonio Bragança também comprou sua parte e, além da casa, realizou o sonho de muitos: edificou um campinho gramado, perfeito para as animadas partidas de futebol de salão que se tornariam uma tradição.

O terreno original de Guiomar também evoluiu. Além do quiosque, uma casa principal foi construída, e, para alegria de todas as gerações, uma piscina de fibra foi instalada, tornando-se o centro das atenções nos dias quentes.

Dessa forma, os terrenos se conurbaram, derrubando cercas e fronteiras. O espaço, que antes era para visitas de um dia, transformou-se num retiro completo. As famílias agora podiam chegar na sexta-feira e ficar até o domingo à noite, pois havia casas e camas para todos. Inúmeras festas de aniversário, juninas, Natais e reuniões casuais foram realizadas ali, consolidando a chácara de Vargem Grande Paulista não apenas como uma propriedade, mas como o coração geográfico e afetivo da família Bragança Retto.

Capítulo 25: Os Sucessores: Antonio Alves, Duarte e o Sonho de Doutor

A doença que acorrentou Belisário a uma cadeira de rodas foi um golpe devastador, mas não foi o fim da Fundição B.M.R. Pelo contrário, foi o início de uma nova era, forjada não por um único patriarca, mas pela força de dois jovens que assumiram o leme em meio à mais violenta das tempestades: o genro, Antonio Alves, e o filho, Duarte.

A transição foi tudo menos fácil. Antônio, um jovem sério e trabalhador casado com Rosine, enfrentou uma verdadeira prova de fogo. Diariamente, precisava se reportar ao sogro, um gigante ferido cuja amargura transformava cada relatório de produção em um tenso interrogatório. Ao seu lado, amadurecendo a um ritmo que a vida lhe impôs, estava Duarte. Aos 13 anos, quando a tragédia se abateu, ele já fazia estágio na fundição, trocando a leveza da juventude pela responsabilidade de um homem. Juntos, o cunhado e o irmão formaram a aliança improvável que não apenas salvaria o legado de Belisário, mas o levaria a patamares nunca antes sonhados.

Sob a gestão da dupla, a Fundição B.M.R. floresceu. Se Belisário foi o visionário que acendeu a primeira fornalha e inventou o "metal patente", Antônio Alves foi o arquiteto da prosperidade. Dotado de um tino comercial e um espírito empreendedor natos, ele olhou para além dos contratos de exclusividade que limitavam o crescimento da empresa. Com uma técnica absorvida pelos ensinamentos do sogro, mas com uma prudência que lhe era própria, Antonio buscou novos clientes, explorou novos mercados e diversificou a produção. Duarte, por sua vez, tornou-se o coração operacional da fábrica. Crescera em meio ao cheiro de metal derretido e ao som das máquinas; conhecia cada segredo das ligas, cada capricho dos fornos. Era o guardião da qualidade, garantindo que o selo B.M.R. continuasse a ser sinônimo de excelência.

A fundição, antes a fonte de renda de uma única casa, transformou-se no pilar que sustentava três famílias. Dela saía o sustento para Guiomar e os filhos que ainda viviam na casa da Água Rasa; para a família que Antonio Alves construía com Rosine; e para o lar que Duarte, mais tarde, formaria com sua esposa, Mirna. O som constante da fábrica era a melodia da segurança, a prova de que o sacrifício e o trabalho árduo estavam construindo um futuro sólido para todo o clã.

Essa era de ouro permitiu à família investir no seu bem mais precioso: a educação da nova geração. E nenhum investimento foi feito com tanto esmero e esperança quanto o dedicado ao filho mais novo de Guiomar, Antonio Bragança. Vendo no caçula uma inteligência brilhante e uma dedicação rara, a família canalizou os frutos da B.M.R. para lhe dar as oportunidades que eles próprios não tiveram.

Antonio Bragança honrou cada gota de suor derramada na fundição. Cursou o secundário no prestigioso Colégio de Padres São Bento, uma instituição de excelência que o preparou para o seu maior desafio. Com disciplina e muito estudo, conquistou uma vaga na melhor e mais cobiçada faculdade de direito da América Latina: a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo.

Seus anos na "Velha Academia" foram um período de imersão intelectual sem precedentes. Ele não apenas estudava as leis; respirava a história do Brasil, dividindo as salas de aula e os corredores com figuras que moldariam o futuro do país. Seus colegas e, por vezes, professores, eram grandes juristas e políticos como Caio Pompeu de Toledo, Michel Temer, o mestre Miguel Reale, Luiz Antonio da Gama e Silva, Alberto Muniz da Costa Barros e Dalmo de Abreu Dallari. Consciente do esforço familiar, Antônio também trabalhava para ajudar a custear seus estudos, provando que sua determinação era tão grande quanto sua inteligência.

O dia 24 de janeiro de 1966 ficou gravado a ouro na história da família. Naquela data, Antonio Bragança Retto colou grau. A festa foi uma catarse, uma celebração que transcendia a conquista individual. Era a vitória de todos. Era o metal da fundição transformado em um diploma. Era a materialização do sonho de uma família de imigrantes que via, com um orgulho que mal cabia no peito, o seu primeiro membro graduado em um curso superior.

A prosperidade da B.M.R., sob o comando firme de Antonio Alves e Duarte, fez mais do que garantir o pão na mesa de três famílias. Ela financiou um sonho, formou um doutor e provou que o maior legado que se pode forjar não é feito de bronze ou de metal patente, mas de oportunidade.

Antonio Alves e Rosine



Capítulo 26: A Política do Caráter

Para a família Bragança Retto, os valores forjados na travessia, na superação das dificuldades e na união inabalável não se limitavam aos muros da casa na Água Rasa. Eles transbordavam para a vida em comunidade e, especialmente, para a esfera cívica. Com um profundo senso de responsabilidade e um apreço por princípios como honestidade e integridade, a família sempre se envolveu discretamente na política, não por ambição de poder, mas pelo desejo de ver homens de bem conduzindo os destinos da cidade e do estado.

Guiados pela crença de que o apoio a bons políticos era uma extensão do cuidado com a própria família, os Bragança Retto escolheram dedicar sua energia a candidatos que refletissem seus próprios ideais: homens considerados honestos, de bom caráter, vindos de "boa família e de bons costumes". Nesse seletivo grupo, diversas figuras se destacaram e receberam o incansável trabalho e a lealdade do clã. A família ajudou a eleger Jânio Quadros para vereador de São Paulo e também apoiou as eleições de Paulo Amparo e Anselmo Farabolini. Mais tarde, o apoio se concentrou em dois nomes que teriam uma relação mais próxima e duradoura com a família: Carlos Kerlakian e Caio Pompeu de Toledo.

Carlos Kerlakian era um respeitado líder da comunidade armênia de São Paulo, um homem cuja trajetória era marcada pela honra e pelo trabalho. Nos anos 50 e 60, a família acompanhou de perto sua ascensão política, que culminou em três mandatos como deputado estadual. Durante as campanhas, a casa dos Retto se mobilizava com um trabalho incansável, desde a distribuição de material até as conversas com vizinhos e amigos, buscando votos e defendendo o legado e as propostas de Kerlakian.

O apoio a Caio Pompeu de Toledo teve uma dimensão ainda mais próxima e pessoal. Colega de Antonio Bragança Retto nos bancos da histórica Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, Caio Pompeu era um jovem de intelecto brilhante e vocação pública evidente. A família viu de perto o início de sua promissora carreira e o incentivou a cada passo. A trajetória de Caio Pompeu foi acompanhada como uma saga particular, desde seu primeiro mandato como vereador em São Paulo, passando pela Assembleia Legislativa como deputado estadual, até seus múltiplos mandatos como deputado federal em Brasília. Sua atuação como Secretário de Esportes e Turismo era motivo de grande orgulho para a família.

Enquanto Caio Pompeu brilhava na vida pública, Antonio Bragança Retto trilhava seu próprio caminho de sucesso, fundando um dos mais respeitados escritórios de advocacia da cidade e também participando ativamente da vida cívica. Antônio ou Dr. Bragança, como era conhecido, foi um dos fundadores do PP (Partido Popular), que mais tarde foi abarcado pelo PMDB. A amizade da faculdade com Caio Pompeu jamais se desfez; pelo contrário, fortaleceu-se. Antonio Bragança se tornou um conselheiro e um pilar para o amigo, ajudando-o nas campanhas e oferecendo o suporte de sua visão estratégica e jurídica. A lealdade foi reconhecida quando, durante o governo de Franco Montoro, Caio Pompeu de Toledo indicou seu amigo de longa data para ser o novo Secretário de Esportes do Estado. Antônio Bragança aceitou o desafio, servindo com distinção.

Para os Bragança Retto, o envolvimento político nunca foi sobre partidos, mas sobre pessoas. Era investir em um projeto de Brasil que combinava inteligência, competência e sensibilidade, um capítulo silencioso, mas fundamental, de sua longa história de construção de um mundo melhor, começando pela sua própria comunidade.

Jânio Quadros (1917-1992)



Jânio da Silva Quadros foi uma das figuras mais carismáticas e controversas da política brasileira. A família Bragança Retto apoiou o início de sua carreira, ajudando a elegê-lo vereador por São Paulo. Sua ascensão a partir daí foi meteórica.

- **Início da Carreira:** Advogado e professor de português e geografia, Jânio iniciou sua vida pública como vereador em São Paulo em 1948. Com um estilo de comunicação único e um discurso focado na moralidade e no combate à corrupção, ele rapidamente ganhou popularidade. Seu símbolo de campanha mais famoso era uma vassoura, com a qual prometia "varrer a bandalheira" do país.

- **Ascensão Política:** Após a vereança, foi eleito deputado estadual em 1951, prefeito de São Paulo em 1953 e governador do estado em 1955. Sua popularidade o levou à presidência da República em 1961.

- **Presidência e Renúncia:** Seu governo presidencial durou apenas sete meses. Foi marcado por medidas polémicas, como a proibição de biquínis em concursos de miss e de brigas de galo, mas também por uma política externa independente que buscou romper com a dependência dos Estados Unidos. Ele restabeleceu relações com a União Soviética e condecorou o revolucionário argentino Ernesto "Che" Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a maior honraria do país, o que assustou os setores mais conservadores. Em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros renunciou à presidência, alegando ser pressionado por "forças terríveis", um ato que mergulhou o país numa grave crise política.

- **Últimos Anos:** Após ter seus direitos políticos cassados durante o regime militar, retornou à vida pública e foi eleito prefeito de São Paulo pela segunda vez em 1985, seu último cargo eletivo. Faleceu em 1992.

Anselmo Farabolini Júnior (1921-2013)



Anselmo Farabolini Júnior também foi um político de longa data em São Paulo, apoiado pela família Bragança Retto. Assim como Jânio Quadros, teve uma carreira que passou por diferentes níveis do legislativo.

- **Carreira Política:** Advogado formado pela Universidade de São Paulo (USP) e também professor, Farabolini iniciou sua carreira política como vereador na cidade de São Paulo, exercendo o mandato entre 1952 e 1954.

- **Deputado Estadual e Federal:** Após a vereança, foi eleito deputado estadual por São Paulo por três mandatos consecutivos, de 1955 a 1964. Anos mais tarde, retornou à política nacional, sendo eleito deputado federal por São Paulo em 1983. Exerceu um mandato notável como deputado federal constituinte entre 1987 e 1991, participando da elaboração da Constituição brasileira de 1988.

- **Atuação Parlamentar:** Durante seu tempo na Câmara dos Deputados, participou de importantes comissões, como a de Educação e Cultura e a de Trabalho e Legislação Social. Na Assembleia Nacional Constituinte, foi titular da Subcomissão do Poder Legislativo. Faleceu em 2013, aos 92 anos, de insuficiência cardiorrespiratória.

Caio Pompeu de Toledo (1943-1994)

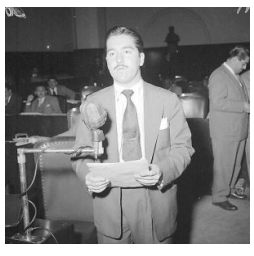


O apoio da família Bragança Retto a Caio Pompeu de Toledo foi particularmente próximo, nascendo de uma amizade pessoal e da admiração por sua capacidade intelectual e vocação para o serviço público.

- **Início e Formação:** Nascido em São Paulo, Caio Pompeu formou-se em Direito pela mesma histórica Faculdade de Direito do Largo de São Francisco que Antonio Bragança Retto. Essa convivência nos bancos acadêmicos foi o alicerce de uma amizade duradoura. Ele também estudou Economia, Sociologia e Política na Universidade de Harvard, nos EUA.

- **Carreira Política:** Sua trajetória política foi ampla e ascendente. Começou como vereador em São Paulo (1968-1970), foi eleito deputado estadual (1971-1975) e cumpriu três mandatos como deputado federal (1979-1991), participando inclusive da Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição de 1988.

- **Foco no Esporte:** A área em que mais se destacou foi a de Esportes e Turismo. Atuou como Secretário tanto no município de São Paulo (1975-1978) quanto no governo do Estado (a partir de 1983). Durante sua gestão, implementou centenas de ginásios esportivos no interior e ficou famoso pelo programa "Adote um atleta". A família acompanhou com orgulho essa atuação, que culminou com a indicação de Antônio Bragança para sucedê-lo como Secretário de Esportes do Estado durante o governo de Franco Montoro.



Carlos Kerlakian (1930-2020)

Carlos Kerlakian foi outra figura política que recebeu o apoio dedicado da família Bragança Retto, que via nele um homem de honra, trabalhador e com forte senso de dever familiar e comunitário.

Origem e Comunidade: Nascido em São Paulo, Kerlakian era filho de imigrantes armênios que chegaram ao Brasil em 1925. Ele se tornou um respeitado líder da comunidade armênia, sempre atuante em suas igrejas e entidades. Sua vida foi pautada pela fé, um valor fundamental que compartilhava com a família Retto.

- **Trajetória Política:** Kerlakian teve uma carreira política de destaque, sendo eleito deputado estadual por São Paulo por três mandatos consecutivos, iniciando-se na década de 1950. Durante suas campanhas, a família Bragança Retto se mobilizava ativamente, ajudando a buscar votos e a defender suas propostas.

- **Afastamento da Política:** Após seu terceiro mandato, um acontecimento familiar o fez tomar uma decisão que a família Retto compreendeu e respeitou profundamente: com o falecimento de seu irmão Affonso, Carlos Kerlakian decidiu abandonar a vida pública para se dedicar aos negócios da família. Este gesto foi visto pelo clã como a prova final de seu caráter e de seu inabalável senso de dever familiar. Faleceu em agosto de 2020, aos 90 anos.

Capítulo 27: O Pilar da Fé: A Vida na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes

A força que cimentou a família Bragança Retto, permitindo-lhe resistir a travessias, exílios e tragédias, não vinha apenas dos laços de sangue, mas de um pilar invisível e inabalável: a fé. Ancorada na devoção de Guiomar, descrita por todos como uma mulher extremamente religiosa, a espiritualidade cristã tornou-se o legado mais profundo, transmitido de geração em geração como um tesouro.

Para os Retto, a fé não era um sentimento abstrato, mas uma prática que moldava o cotidiano. O domingo era um dia sagrado, e o ritual de ir à missa era um compromisso inegociável. Desde cedo, os filhos aprenderam que aquele era o momento de agradecer, de se reconectar com o divino e, principalmente, de se reunir como comunidade. A família inteira se dirigia à modesta igreja do bairro, que se tornaria o epicentro de sua vida social e espiritual: a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Era uma época de grande respeito e civilidade, e a igreja, sempre cheia, refletia a união da comunidade em torno de seus valores.

Essa devoção se refletia na educação dos filhos e netos. A escolha das escolas era, muitas vezes, uma extensão de sua fé. O bairro da Água Rasa oferecia um austero colégio de freiras , e foi justamente no Colégio Nossa Senhora de Lourdes que Lucinda promovia as prestigiadas audições de seus alunos de piano. O caçula, Antônio Bragança, por sua vez, recebeu sua formação no Colégio de Padres São Bento, consolidando a aliança entre a formação intelectual e a moral cristã.

A participação da família ia muito além da missa dominical. Eles eram parte ativa da paróquia, ajudando em tudo que podiam, especialmente nas tradicionais festas da igreja, que mobilizavam toda a vizinhança. A fé era vivida na prática, no serviço ao próximo e no fortalecimento da comunidade. Essa herança espiritual floresceu na terceira geração de uma maneira vibrante: um dos netos tornou-se uma figura querida na missa da juventude, onde tocava violão, atraindo e inspirando outros jovens com os acordes de sua fé.

A religiosidade da família também se manifestava em rituais públicos que uniam o bairro. Eram famosas as procissões, momentos de grande emoção em que a imagem de Nossa Senhora era cuidadosamente retirada da igreja e circulava pelas ruas. Os fiéis a cortejavam com cânticos e orações, enfeitando as frentes de suas casas e transformando o espaço público num grande templo a céu aberto.

Do nome "Maria do Céu", escolhido como uma prece , à assiduidade de Fernanda na missa aos domingos e ao caráter "temente a Deus" de Duarte, a fé era o fio de ouro que costurava a história da família. Era a fonte da resiliência de Guiomar, a bússola moral para seus filhos e a melodia que embalava a juventude de seus netos, provando que, para os Bragança Retto, o lar era sagrado porque a fé o habitava.

Capítulo 28: A Paixão em Vermelho e Branco: O Futebol na Água Rasa

Se a fé unia a família no sagrado e o trabalho na fundição garantia o sustento, foi no chão de terra batida do futebol de várzea que a alma da família Bragança Retto encontrou sua mais vibrante expressão de paixão e comunidade. Liderados por Duarte, cujo fervor pelo esporte era notório, ele, seu cunhado Antonio Alves e Jolmerim (Mirim), marido de Fernanda, decidiram canalizar essa energia e fundaram, no coração da Água Rasa, um clube que se tornaria lendário: o América Futebol Clube.

O América nasceu com a cara e a coragem da várzea paulistana daquela época. Suas cores eram vermelho e o branco, e sua estrutura era um monumento à criatividade e à improvisação. O vestiário, construído com tábuas num terreno ao lado da casa de Mirim, era uma obra de arte da engenharia amadora. Tão sofisticado era o projeto que incluía uma sauna de madeira, com espaço para um único jogador por vez, um luxo impensável que era motivo de orgulho e risadas. O clube era bem organizado, contando com um primeiro e um segundo time, garantindo que todos tivessem a chance de defender o escudo.

Os dias de jogo eram um ritual. Os jogadores se trocavam no vestiário improvisado e iniciavam uma caminhada de quase um quilômetro até o campo de terra, localizado perto da perigosa "curva da morte" da Avenida Sapopemba. Ali, o cenário era puro futebol raiz: um campo irregular, com traves de gol ainda retangulares, como mandava a tradição de então. Naquela época, a cidade pulsava com dezenas de times amadores, e a Água Rasa tinha dois gigantes: o tradicional Sete de Setembro e o novo e aguerrido América, ambos repletos de bons jogadores que atraíam multidões.

As partidas eram eventos épicos. A torcida se aglomerava ao redor do campo, sem alambrados, participando intensamente de cada lance. A paixão era tanta que, quase sempre, o jogo terminava em alguma briga, um reflexo da rivalidade acirrada. Para completar a atmosfera, um locutor se instalava na sacada do sobrado da sogra de Duarte, que tinha uma visão privilegiada do campo. De lá, com um gravador de fita, ele fazia uma transmissão vibrante, eternizando os lances e as polêmicas para a posteridade. A noite de domingo era a terceira etapa do ritual. Jogadores e torcedores se reuniam para um jantar regado a chopp e pizza, onde a partida do dia era dissecada lance a lance.

A fama do América da Água Rasa extrapolou os limites do bairro. O time frequentemente viajava para jogar em outras cidades, levando o nome da comunidade com orgulho. A logística era parte da aventura: muitas vezes, o transporte era feito na carroceria de um caminhão, com os jogadores viajando juntos, entre brincadeiras e cantos. Tudo era válido naquela época, um tempo de grandes craques e de times imortais, em que o amor pela camisa era a única e verdadeira recompensa.

Mas a paixão pelo esporte não se limitava à criação de seu próprio clube. A família também se envolveu profundamente na gestão do outro grande pilar desportivo do bairro, o GDR 7 de Setembro. Com o tempo, diversos membros da família participaram de várias de suas gestões. A influência da família atingiu seu ápice quando Duarte presidiu o Conselho do Sete de Setembro Futebol Clube, a agremiação mais importante e tradicional da Água Rasa. Assumir tal posto era um atestado do imenso respeito que ele comandava na comunidade.

Foi nesse período que a amizade de Antonio Bragança com o político Caio Pompeu de Toledo rendeu frutos duradouros para o clube. Através da interlocução de Antonio, Caio Pompeu destinou importantes investimentos para melhorias na infraestrutura do 7 de Setembro. Graças a essa ajuda, o antigo clube de várzea se transformou em um complexo social e desportivo. Hoje, o clube que é o orgulho do bairro conta com piscinas, quadra de futebol de salão, um amplo salão de festas, campo de futebol e um número respeitável de associados, um legado da paixão e do prestígio que a família Bragança Retto sempre dedicou à sua comunidade.



Da esquerda para direita: Silvério, Joaquim, Clovis, Zicão, Antônio Bragança(la patada atômica), Dalmir, Zequinha, Bragança, agachados (Tião, Dacio, Zico, Periquito e Tatu , Belisário(filho de Antonio Alves) e Serginho(filho de Joaquim), Mirim e Antonio Alves(de pé)

Capítulo 29: Guiomar, a Rocha Indestrutível

Na grande saga da família Bragança Retto, todos os capítulos, com suas dores, lutas e vitórias, convergem para uma única figura central, a rocha sobre a qual tudo foi construído: Guiomar Joaquina Bragança Retto. Nascida em 1900, sua vida atravessou o turbulento século XX, e ela não foi mera espectadora. Foi protagonista, uma mulher de força incomensurável, cuja superação silenciosa foi o verdadeiro motor que manteve a engrenagem da família a funcionar, mesmo sob as mais duras provações.

Guiomar era uma fortaleza de cultura e sabedoria num tempo em que isso era raro. Seu primeiro ato, todas as manhãs, era ler os jornais. Enquanto o mundo à sua volta mudava a um ritmo vertiginoso, ela mantinha-se informada e lúcida, decifrando as complexidades da política, da economia e da sociedade. Ela viu a ascensão do rádio e a chegada de novas tecnologias; suportou crises econômicas, tragédias pessoais, uma revolução no Brasil e o eco de duas guerras mundiais. A cada novo desafio, a cada transição que a vida lhe impunha, Guiomar não se quebrava; ela observava, compreendia e adaptava-se, sempre com uma dignidade que era sua marca registrada.

Sua casa na Água Rasa era mais do que uma morada; era um altar de amizades e aconselhamentos. Com o portão sempre aberto, tornou-se o epicentro da vida social de todo o clã. Ela gostava imensamente das reuniões e dos almoços de domingo, que eram verdadeiros eventos. A casa vivia num fluxo constante de filhos, netos, genros, noras, amigos e vizinhos. Dona Guiomar, como era carinhosamente chamada, tinha um coração tão grande que sua hospitalidade se estendia muito além de seus próprios filhos; todas as famílias de seus genros e noras também frequentavam a casa, tornando-se parte integral daquele núcleo pulsante de afeto. Era o porto seguro não só para os seus oito filhos e incontáveis netos, mas para todos que precisavam de uma palavra de conforto ou de um conselho sábio. Ela era a grande agregadora. Mesmo após a viuvez, que carregou com uma lealdade serena até o fim de seus dias, continuou a ser o centro gravitacional da família. Os filhos, noras, genros e, mais tarde, os netos, procuravam-na naturalmente, sabendo que encontrariam nela uma compreensão infinita e uma perspectiva que punha qualquer problema em seu devido lugar.

E entre tantos dons que Guiomar carregava, havia um que parecia resumir todos os outros: sua cozinha. Seu velho fogão a carvão — testemunha silenciosa de décadas — era quase uma extensão de sua alma. Dali saíam pratos que fariam inveja a muitos chefs renomados, preparados com a naturalidade de quem cozinha com amor profundo e absoluto. Aos domingos, a casa fervilhava: além dos filhos, vinham genros, noras e uma tropa inteira de netos. Era um verdadeiro batalhão, e aquele fogão incansável dava conta de todos, espalhando pela casa o perfume de uma comida que era, para a família, a mais rica que poderiam ter.

Guiomar era uma mestra absoluta na arte de cozinhar. Na despensa, repousavam tonéis de vinho, sacos de mantimentos e, pendurado no alto, um bacalhau inteiro sempre pronto para virar festa. Havia também a clássica soda da Antártica, que muitos misturavam com vinho, criando o sabor simples e alegre daqueles encontros familiares. Para as crianças, ela preparava uma de suas receitas mais lendárias: gema de ovo batida com açúcar e vinho do Porto — um "biotônico" capaz de reacender qualquer energia infantil. Também era especialista em "pincelar" a garganta dos netos com suas misturas caseiras, garantindo que ninguém ficasse sem cuidado. Tudo isso enquanto contava histórias que só ela sabia narrar, histórias que hipnotizavam os pequenos por horas, revelando sua mente afiada, criativa e profundamente intelectual.

No quintal, conviviam cachorros, pombas, galinhas e até porcos, todos parte daquele microcosmo vivo que ela cuidava com o mesmo zelo com que alimentava a família.

Era uma educadora por excelência. Não de lousa e giz, mas do exemplo. Foi através de seus atos que transmitiu aos filhos e netos os pilares que sustentam a família até hoje: o caráter, os princípios, os bons costumes, a tolerância e um profundo apreço pela cultura. Era uma contadora de histórias nata e, através de suas narrativas, tecia a tapeçaria da memória da família, garantindo que as novas gerações soubessem de onde vieram e dos sacrifícios que foram feitos. Foi um exemplo vivo de uma mulher verdadeira, batalhadora, culta e, acima de tudo, forte.

Essa força manifestava-se na sua capacidade de suportar dores que teriam desfeito muitos. Por 29 longos anos, carregou a ferida aberta da separação de seu filho mais velho, Fernando, uma ausência que nunca deixou de doer, mas que ela transformou em uma ponte de cartas e de amor inabalável. Era essa mesma

força que a tornava uma amiga para todas as horas, admirada pelos vizinhos, que viam nela a personificação da nobreza de espírito.

Guiomar não levantava a voz, mas comandava com a simples força da presença. Havia nela uma espécie de serenidade firme, como se carregasse dentro do peito um centro de gravidade próprio — algo que mantinha tudo em equilíbrio ao seu redor. Quando as tensões surgiam, quando as diferenças apareciam, bastava a palavra dela, dita com calma e clareza, para que tudo se ajeitasse. Não porque impunha, mas porque era impossível não confiar em quem tinha atravessado tanto sem se desviar de seus valores.
Era ela também quem administrava, com firmeza discreta, a Fundição da família, operada no dia a dia pelo filho Duarte e pelo genro Antônio.

Mesmo sem ter vivido a era da tecnologia como as gerações seguintes, Guiomar tinha uma curiosidade natural que a mantinha sempre atualizada. Lia jornais, revistas, ouvia rádios e conversava com quem tivesse algo a acrescentar. Era daquelas pessoas que não se conformam em apenas existir — queriam compreender a vida em profundidade. Seus netos, ainda crianças, muitas vezes se impressionavam ao ouvir os comentários dela sobre política, sociedade e filosofia cotidiana. Era uma intelectual intuitiva, daquelas que constroem sabedoria pela observação, pela sensibilidade e pela experiência.

Guiomar era fiel às tradições, às raízes, às histórias de seu povo — mas não era prisioneira delas. Ela sabia adaptar-se. Sabia acolher mudanças. Sabia que o mundo gira, e que a família só se mantém unida quando aprende a girar com ele. Assim, no mesmo fogão que preparava receitas centenárias, ela também experimentava novidades trazidas pelos filhos. Aprendia palavras novas, exprimia opiniões modernas e jamais fechava portas ao diálogo. Tinha opinião, claro — forte, bem construída — mas jamais usava essa opinião como arma. A usava como ponte.

Havia uma espécie de magia no colo da vovó Guiomar. Adultos voltavam a ser crianças quando se sentavam ao lado dela. As mágoas pareciam menores, os medos se tornavam suportáveis, e até os erros encontravam ali um lugar para serem compreendidos. Ela tinha o dom raro de ouvir. De ouvir de verdade. Sem pressa. Sem julgamentos precipitados. Era nesses momentos, enquanto seus braços envolviam quem sofria, que sua grandeza mais silenciosa se revelava: a capacidade de restaurar corações partidos com uma mistura de ternura, sensatez e fé.

Apesar da vida dura — e foi dura — Guiomar tinha um sorriso que desarmava qualquer ambiente. Sorria com os olhos, com o corpo, com a alma. Era o tipo de sorriso que abraçava antes mesmo de qualquer palavra. A família aprendeu, com ela, que alegria não se mede por prosperidade material, mas pela abundância de afeto. E essa abundância ela distribuía sem jamais se cansar.

Num tempo em que as mulheres raramente eram reconhecidas como líderes, Guiomar liderou uma família inteira com firmeza, inteligência e amor. Venceu a saudade de um filho distante, os desafios da imigração, a perda do companheiro, a responsabilidade de criar oito filhos e manter a casa como um santuário. Tudo isso sem nunca perder a sensibilidade. Sem nunca perder o cuidado com o outro. Ela foi, muito antes de a palavra existir, uma mulher empoderada — no sentido mais puro e verdadeiro do termo: aquela que tem poder sobre si mesma, sobre seus valores, sobre sua história.

Até hoje, mesmo entre aqueles que não chegaram a conhecê-la, o nome de Guiomar carrega peso, carinho e reverência. Em cada decisão importante que a família toma, há um pouco dela. Em cada gesto de união, em cada perdão que se concede, em cada encontro que reúne várias gerações ao redor de uma mesa, há o eco de sua essência. Ela se tornou uma espécie de bússola moral que aponta o norte para todos os seus — e continuará apontando enquanto houver um Bragança Retto sobre a Terra.

Para Guiomar, a cozinha não era um cômodo — era um universo. Seu fogão a carvão era o altar onde ela exercia sua arte maior: transformar ingredientes simples em manifestações de afeto. Havia uma espécie de ciência intuitiva na maneira como ela mexia as panelas, como media sal “no olho”, como sentia o ponto exato do caldo apenas pelo aroma. E era ali, naquele ritual sagrado, que a família aprendia o que era amor sem discursos: amor servido em travessas fumegantes, amor que alimentava tanto o corpo quanto a alma. Quem cresceu ao redor dela nunca esqueceu o som do carvão crepitando, o cheiro do bacalhau dessalgando na véspera, o vapor das panelas grandes nas manhãs de domingo. A mesa posta por Guiomar era mais que refeição: era reunião, era celebração, era símbolo de unidade. E no centro de tudo, ela — a alquimista dos sabores, criadora de memórias eternas.

Ser mãe de nove filhos não é estatística. É epopeia. E Guiomar viveu essa epopeia com uma força que desafiava qualquer lógica humana. Ela carregava nos ombros, com leveza surpreendente, a grande tarefa de formar oito destinos distintos — cada um com sua personalidade, seus sonhos, suas teimosias. Guiomar conhecia os filhos como quem decifra um poema: sabia quando estavam alegres, angustiados, doentes, apaixonados. Sabia ouvir, sabia orientar e, quando necessário, sabia ficar em silêncio, porque seu silêncio também educava. Mesmo nos momentos duros — perdas, escassezes, desafios — ela nunca permitiu que faltasse amor. Sua maternidade era feita de presença, de firmeza e de um carinho que não mima, mas fortalece. Criar oito filhos foi seu maior trabalho. Ver cada um deles florescer foi seu maior orgulho.

Guiomar carregava em si uma fé profunda, mas nunca teatral. Era uma religiosidade adulta, lúcida, consciente. Sua espiritualidade não explodia em gestos grandiosos — ela pulsava em pequenas atitudes diárias: a oração silenciosa antes de dormir, a vela acesa por alguém que precisava, o gesto de generosidade escondida que ninguém via, mas todos recebiam. Ela ensinava que a fé não era imposição, mas escolha. Não era medo, mas confiança. Não era hierarquia, mas entrega amorosa ao mistério. Para muitos dos seus, a espiritualidade nasceu na convivência com ela. Porque ela transformava a fé em doação, em consolo, em coragem — e, sobretudo, em respeito pela vida e pelo outro. Guiomar foi daquelas almas que não pregam religião: vivem-na.

Num tempo em que mulheres eram frequentemente empurradas para o silêncio, Guiomar fazia do pensamento sua arma mais elegante. Era leitora disciplinada, curiosa incansável. Lia jornais diariamente, comentava eventos, analisava contextos com uma clareza que surpreendia até os mais instruídos. Ela tinha aquilo que poucos possuem: a capacidade de relacionar o que lia com a vida, de transformar informação em sabedoria. Era a pequena biblioteca viva da família — sem precisar de estantes repletas, porque tudo estava organizado na memória e no coração. Filhos e netos cresciam cientes de que, se quisessem entender o mundo, podiam sentar-se ao lado dela e perguntar. E Guiomar explicava. Explicava de um jeito simples, mas profundo; prático, mas filosófico. Explorava o passado, interpretava o presente e intuía o futuro. Ela não foi professora por profissão, mas seu magistério atravessou gerações.

Guiomar tinha o dom raro de contar histórias — e não apenas fatos; ela contava vidas. Vestia as narrativas com detalhes, cores, diálogos, expressões. Ao ouvi-la, os netos sentiam que estavam sendo transportados para outras épocas, lugares, tempos. Era ela quem mantinha vivos os antepassados, as tradições, os episódios que poderiam ter sido esquecidos. Sua voz era a ponte entre o ontem e o amanhã. Cada história que contava era uma aula disfarçada de encanto. E é por isso que, até hoje, muitos dos que a ouviram carregam dentro de si a sensação de que viveram metade da infância dentro da sala da Água Rasa, aos pés dela.

Guiomar tinha uma generosidade que extravasava os limites do parentesco. Era procurada por vizinhos, amigos, conhecidos — e até desconhecidos que chegavam até ela por indicação de alguém. Sua casa, sempre aberta, era um pequeno farol da comunidade. Lá dentro, havia chá, palavra quente, sabedoria serena. Ela sabia acolher um coração aflito sem fazer perguntas invasivas. Sabia orientar sem julgar. Sabia consolar sem prometer milagres. Onde muitos enxergavam problemas insolúveis, Guiomar enxergava saídas possíveis.

Guiomar acreditava profundamente que caráter não é teoria — é hábito. E ela praticava esse hábito diariamente. Não mentia. Não humilhava. Não guardava rancores. Não destruía reputações. Não compactuava com injustiças. Era dessas pessoas cuja própria postura educa. A família aprendeu, com ela, que a nobreza não está em títulos, mas em atitudes; que a verdadeira grandeza se mede pela retidão silenciosa; que a honestidade é o legado mais precioso.

Guiomar Joaquina Bragança Retto, a mulher que teve nove filhos e viu sua semente florescer em dezenas de netos e bisnetos, conseguiu um feito monumental: manter a família unida. Não através de ordens ou imposições, mas através da força magnética do seu amor, da sua sabedoria e do seu exemplo. Ela foi a guardiã da chama, e o seu legado mais precioso não está nos bens que acumulou, mas na união indestrutível do clã que ela, com sua vida extraordinária, forjou.

Faleceu em 1985, deixando um legado que ultrapassa o domínio da memória familiar e se inscreve nas esferas da educação, da cultura, das artes, da fé e da moral. Sua influência não se limitou aos laços de sangue: irradiou-se para a comunidade, para os amigos, para todos que tiveram o privilégio de partilhar de sua convivência e absorver o exemplo de sua vida. Na educação, foi precursora de uma pedagogia silenciosa, baseada não em métodos, mas em

virtudes. Educava pelo exemplo, pela retidão, pela clareza com que transformava a ética em prática cotidiana. Suas palavras tinham peso, mas seus gestos, autoridade maior. Formou gerações sem jamais ocupar uma cátedra, e muitos de seus descendentes reconheceriam mais tarde que os valores intelectuais e morais que os conduziram tiveram origem em suas lições domésticas, discretas e firmes.

Na cultura e nas artes, deixou o testemunho de uma mulher que compreendia o poder da sensibilidade e do pensamento. Era leitora constante, amante da música e observadora atenta do mundo que a cercava. Sob o teto da casa da Água Rasa, promoveu um ambiente onde se discutia o destino do país, onde se ouvia boa música, onde se valorizava a literatura e se exaltava o espírito criativo. Sua casa era um salão de ideias e de convivência, onde a inteligência e o afeto se encontravam.

Na fé, representou o equilíbrio raro entre devoção e lucidez. Religiosa sem ostentação, guiava-se por um sentimento de espiritualidade profunda, interior e constante. Sua crença não era dogmática, mas viva, manifestando-se em atos de generosidade e compaixão. Por isso, sua religiosidade não afastava, mas unia — fosse pela palavra que consolava, fosse pela oração que partilhava em silêncio.

No campo da vida cívica e política, mostrou-se cidadã consciente do seu tempo. Acompanhava os acontecimentos com atenção e senso crítico, formando opinião própria e incentivando os filhos e netos a fazerem o mesmo. Via na política o exercício mais nobre da responsabilidade coletiva e, ainda que não empunhasse bandeiras partidárias, compreendia e defendia com firmeza os valores da liberdade, da justiça e da honestidade.

Nos esportes, nas festas e nas amizades, irradiava vitalidade. Ensinou que o corpo, o riso e a convivência também são expressões do espírito. Incentivava os filhos a jogarem, dançarem, cantarem, celebrarem a vida. Sua casa, sempre aberta, era símbolo de hospitalidade e de fraternidade e tornou-se, ao longo das décadas, um espaço de encontro e de reconciliação — onde as diferenças se dissolviam no calor do convívio e no respeito mútuo que ela inspirava.

Nos valores morais e familiares, Guiomar construiu um monumento de integridade. Acreditava que a grandeza humana não se mede por riqueza ou prestígio, mas pela retidão do caráter e pela coerência entre o que se diz e o que se faz. Incutiu nos filhos e netos o senso de dever, a importância da palavra empenhada, o valor do trabalho e da solidariedade. Foi, assim, o esteio moral de uma linhagem que herdou não apenas o nome, mas a consciência de que pertencer a uma família é também carregar uma responsabilidade.

A personalidade de Guiomar Joaquina Bragança Retto era síntese de firmeza e ternura. Dominava o difícil equilíbrio entre a autoridade que guia e a sensibilidade que acolhe. Nunca precisou elevar a voz para ser ouvida, nem impôs respeito — conquistou-o. Sua presença impunha serenidade. Sua ausência, quando veio, deixou um silêncio eloquente: aquele que só as almas verdadeiramente grandes são capazes de provocar.

Hoje, décadas após o seu desaparecimento, seu exemplo permanece como uma força moral ativa, um alicerce que sustenta gerações. Em cada gesto de união familiar, em cada escolha ética, em cada ato de amor ou de solidariedade que brota entre os seus, há um traço invisível de sua influência. Guiomar Joaquina Bragança Retto não foi apenas uma mulher do século XX — foi uma construtora de pontes entre o passado e o futuro. Sua história é um testemunho de que a grandeza não se impõe: se constrói, silenciosamente, todos os dias, com amor, com inteligência e com fé. E é por isso que, mesmo depois de partir, continua presente — não como lembrança, mas como princípio; não como memória, mas como legado.

E é por isso que este livro existe.
Esta obra é uma homenagem da família Bragança Retto à sua matriarca, à mulher que, com sua força serena e seu espírito luminoso, edificou os alicerces de um legado que perdura até hoje. Cada página aqui escrita é um tributo de gratidão, uma tentativa de eternizar em palavras o que o tempo jamais apagará: a presença indestrutível de Guiomar, a rocha sobre a qual se ergueu uma família e um exemplo para as próximas gerações.



“Causos engraçados imaginados pelo autor”

Belisário e o Vinho Automático

Depois do fiasco do desodorante "Trevo", que deixou um rastro de axilas em chamas por toda a Mooca, Belisário ficou quieto por uns meses. Mas a sua mente inventiva não parava. A nova epifania veio durante um almoço de domingo, ao observar o trabalho hercúleo de encher o copo de cada um dos seus amigos. "Guiomar!", bradou ele do meio da sala. "Descobri como otimizar a amizade! Chega de garrafas! Eu vos apresento... a 'Fonte da Amizade'!"

Durante uma semana, a garagem virou o laboratório da NASA. Belisário, com óculos de soldador e um ar de cientista maluco, martelava, serrava e conectava tubos a um capacete de construção civil. No topo, adaptou um pequeno barril de vinho. Do barril, saíam mangueiras finas que se conectavam a uma série de copos de plástico com alças, que os convidados deveriam usar como colares.

No domingo seguinte, os amigos chegaram e encontraram a parafernália. "Belisário, que diabo é isso?", perguntou um deles. "É o futuro, meu caro! Ponham os colares!", ordenou Belisário, que já usava o capacete-barril com um orgulho paterno. Guiomar, da porta da cozinha, apenas balançou a cabeça e suspirou, pressentindo o desastre.

Com todos devidamente "paramentados", Belisário subiu numa cadeira e anunciou: "Amigos! A um girar desta manivela, a amizade fluirá diretamente para os vossos corações... ou pelo menos para os vossos copos!". Ele então girou a manivela com um floreio. A pressão, que ele havia "calculado de cabeça", estava longe do ideal. Em vez de um fluxo gentil, jatos de vinho tinto dispararam em ângulos imprevisíveis. Um atingiu em cheio o bigode do amigo Oliveira, que ficou a pingar. Outro voou em arco e redecorou a parede branca da sala com um padrão abstrato que os críticos chamariam de "O Desespero da Uva". O caos instalou-se. Os amigos tentavam se desviar dos jatos, os copos balançavam descontroladamente e o vinho voava para todo lado.

Do meio da confusão, Belisário, encharcado da cabeça aos pés, gargalhou. "Viram? Eu não disse? Uma verdadeira chuva de amizade! Quem quer a segunda rodada?" Guiomar apareceu com um rodo e um balde. "A próxima invenção, Belisário," disse ela com uma calma assustadora, "será um esfregão automático. E tu serás a primeira cobaia."

Guiomar e o Desafio do Rock

Era uma tarde de sábado e a casa da Água Rasa estava cheia. Um dos netos adolescentes, querendo exibir a potência do seu novo aparelho de som, colocou para tocar um Rock no último volume. A batida "tum-tá-tum-tá" ecoou pela casa como um ataque de artilharia. Rosine levou as mãos aos ouvidos. Adelaide correu para desligar o aparelho, gritando que aquilo era "um atentado ao pudor sonoro".

Guiomar, sentada na sua poltrona, estava lendo o jornal. Ela não se moveu. Apenas ergueu uma mão, pedindo silêncio, e fechou os olhos, concentrada. As filhas pararam, confusas. A matriarca parecia estar... meditando ao som do Rock. Após um minuto que pareceu uma eternidade, ela abriu os olhos, ajeitou os óculos e pronunciou o seu veredito.

"Interessante," começou ela, com a tranquilidade de quem analisa um soneto. "A estrutura rítmica é sincopada e repetitiva, criando uma sensação de urgência cíclica. Remete a certos rituais tribais de Tchaikovsky, se ele tivesse nascido no Rio de Janeiro e trocado a orquestra por um bumbo." Fez uma pausa, e o neto a olhava de boca aberta. "A linha melódica é minimalista, quase ausente, o que denota uma clara influência do modernismo estético. Contudo," disse ela, com o dedo em riste, "a composição lírica, que parece focar em questões de relações interpessoais no contexto de uma pista de dança, carece da profundidade metafórica de um Fernando Pessoa."

Ela olhou para o neto. "Em suma: uma obra de vanguarda popular com grande potencial percussivo, mas textualmente subdesenvolvida. Nota 6. Podes desligar agora, por favor. Quero terminar de ler sobre a crise no Canal de Suez." O neto, pálido e confuso, desligou o som e nunca mais ousou ouvir Rock a menos de 500 metros da avó.

Fernando e a Operação "Primeiro Encontro"

Quando a sua filha, Maria João, anunciou que teria o seu primeiro encontro,com Jorge, Fernando, o pai que tentava compensar décadas de ausência em um único

fim de semana, entrou em pânico. "Um encontro? Com um... rapaz? Sozinhos?", perguntou ele, como se ela tivesse anunciado que iria lutar com leões.

Não houve argumento que o convencesse a ficar em casa. Ele recrutou o primo Licínio para a "Operação Vigilância Paterna". Acharam que precisavam de disfarces. Fernando apareceu com uma gabardina preta, um chapéu e uns óculos escuros tão grandes que pareciam uma máscara de soldador. Licínio, por sua vez, usava uma peruca loira claramente falsa e um bigode postiço que insistia em descolar de um lado.

Seguiram o jovem casal até um café. Sentaram-se a duas mesas de distância e esconderam-se atrás de jornais, mas com os jornais de cabeça para baixo. Fernando, achando a espionagem pouco eficaz, começou a usar o saleiro e o pimenteiro como binóculos, alternando entre um e outro. A certa altura, o rapaz contou uma piada. Maria João deu um sorriso educado, mas não gargalhou. Para Fernando, aquilo foi um ultraje.

Ele levantou-se de rompante, ajeitou o chapéu, e marchou até à mesa. "Com licença," disse ele ao rapaz, com uma voz grave. "Estive a ouvir. A sua piada sobre o pinguim... a premissa é boa, mas a entrega foi fraca. Faltou uma pausa dramática antes do remate. E o timing... completamente errado." Ele então virou-se para a filha. "Maria João, o rapaz está a esforçar-se. Dê-lhe um sorriso mais convincente." O rapaz olhava para Fernando como se tivesse visto uma assombração. Maria João afundou na cadeira, desejando que o chão se abrisse. Fernando voltou para a sua mesa, satisfeito. "Pronto, Licínio," disse ele, "crise resolvida. Acredito que o humor na relação foi salvo."

Rosine e o Canário Deprimido

O canário Pipo, presente de aniversário de Rosine, era uma ave bonita, mas teimosamente silenciosa. Para qualquer outra pessoa, seria apenas um pássaro calado. Para Rosine, era um ser em profundo sofrimento. "Ele tem depressão," diagnosticou ela, com a certeza de uma psiquiatra. "Olhem para ele... o olhar perdido, a falta de apetite pelo alpiste... é um claro quadro de melancolia aviária."

O tratamento começou imediatamente. Pela manhã, Rosine fazia sessões de "terapia solar", levando a gaiola para o quintal e dizendo: "Vamos, Pipo, absorva a energia positiva! Sinta a vitamina D na sua alma!". À tarde, a terapia era artística. Ela montou um "mural de inspiração" em frente à gaiola, com fotos de canários famosos e frases motivacionais como "Cante como se ninguém estivesse a ouvir!".

O auge do tratamento, no entanto, foi a musicoterapia. Convencida de que Pipo precisava de estímulo profissional, ela contratou o filho pré-adolescente, que estava a aprender violão. O rapaz, por uns trocados, passava uma hora por dia em frente à gaiola, a tocar uma versão estridente e desafinada de "Asa Branca". Pipo não cantava, apenas se encolhia no canto mais afastado da gaiola. Mas a iniciativa teve um efeito inesperado: os outros vizinhos, ouvindo o som sofrido do violão, começaram a deixar moedas e pães na porta de Rosine, pensando que ela estava a passar por dificuldades e que aquele era o lamento da sua alma. Rosine, sem entender, apenas agradecia e dizia: "É para o tratamento do Pipo. Ele está a fazer progressos."

Maria do Céu, a Crítica de Velórios

Maria do Céu não ia a um velório apenas para prestar condolências; ela ia para avaliar a performance. Chegava sempre com uma pequena caderneta e uma caneta, e sentava-se discretamente num canto, a observar. As irmãs já nem se espantavam mais.

Certa vez, no velório de um conhecido do bairro, ela sussurrava para Lucinda: "A iluminação está péssima. Muito direta. Deixa o falecido com uma aparência pálida. Precisava de um difusor. E a escolha das flores... cravos? Tão clichê. Faltou originalidade."

Durante o discurso de um dos filhos, ela anotava freneticamente. "A estrutura da eulogia é fraca," cochichou ela. "Começou bem, com uma anedota da infância, mas perdeu-se no meio. Faltou um clímax emocional. E a dicção dele é péssima."

No final, ao saírem, ela deu o seu veredito final. "Olha, foi um esforço honesto, mas amador. A logística do café estava confusa, os salgadinhos eram claramente do dia anterior e a trilha sonora foi de chorar... e não pela emoção. Dou um 5.5 de 10." Lucinda olhou para ela, incrédula. "Céu, pelo amor de Deus, o homem morreu!" E Maria do Céu respondeu, ajeitando a bolsa: "E é

por isso mesmo, Lucinda! A morte é o último grande evento social de uma pessoa. Tem de ser impecável. Se eu morrer e vocês servirem café frio, eu volto para vos assombrar. E a minha crítica será impiedosa."

Fernanda e a Vingança da Torta

Fernanda tinha um sexto sentido para a sua cozinha, e esse sentido apitava freneticamente: alguém andava a roubar fatias da sua lendária torta de palmito durante a noite. O principal suspeito era o seu marido, Mirim, que sempre se fazia de inocente. "Eu, meu amor? Jamais tocaria na sua obra de arte sem permissão!"

A vingança seria um prato... ou melhor, uma torta servida fria e picante. Na sexta-feira, ela preparou duas tortas visualmente idênticas. Uma era a receita celestial de sempre. A outra, a "Torta da Verdade", tinha um recheio de purê de batata misturado com a pimenta mais forte que encontrou na feira, disfarçado sob uma camada de palmito. Deixou a torta-armadilha na cozinha, em destaque, e escondeu a original.

Naquela madrugada, um silêncio profundo foi cortado por um som que parecia um gato a ser estrangulado, seguido por uma corrida de cavalaria em direção à pia da cozinha. Fernanda encontrou Mirim com a cabeça debaixo da torneira, os olhos vermelhos e a acenar desesperadamente. "Água... fogo... dragões... na minha boca!", conseguiu ele balbuciar.

No dia seguinte, Mirim estava pálido e bebia leite como um bezerro. Fernanda, com um sorriso inocente, perguntou: "Dormiste bem, meu amor? Pareces um pouco acalorado." Ele olhou para ela, depois para a torta intacta na geladeira, e um profundo entendimento passou pelos seus olhos. Ele nunca mais tocou numa torta sem autorização expressa e por escrito.

Adelaide e a Guerra Contra o Pó

Para Adelaide, a limpeza semanal não era uma rotina, era uma manobra militar contra as forças da desordem. Um sábado, ela declarou estado de sítio na casa da Água Rasa. O inimigo: uma camada quase invisível de pó sobre os móveis.

Ela apareceu na sala vestida para a batalha: macacão, máscara, luvas e um aspirador de pó amarrado às costas como uma mochila de paraquedista. Reuniu as irmãs. "Atenção, pelotão!", gritou ela, apontando para o sofá com um espanador. "Hoje lançaremos a 'Operação Brilho Total'. O inimigo, a 'Poeira Oculta', infiltrou-se nas nossas linhas. A nossa missão é neutralizá-la sem deixar sobreviventes."

Ela desenhou um mapa da sala num pedaço de papelão. "Arminda, tu ficas responsável pelo flanco esquerdo, a estante de livros. Lucinda, o teu alvo é a 'Zona da Morte' debaixo da mesa de centro. Eu liderarei o ataque frontal contra a fortaleza do sofá."

Quando a irmã Arminda tentou atravessar a sala para buscar um copo de água, Adelaide barrou-lhe a passagem. "Alto lá! O terreno ainda não foi declarado seguro! Pode haver ácaros emboscados!". A batalha durou horas. No final, a casa brilhava tanto que era preciso usar óculos de sol lá dentro. Adelaide, exausta mas vitoriosa, inspecionou o seu trabalho. "Missão cumprida," disse ela, ofegante. "A casa está segura... até à próxima semana."

Duarte e o VAR de Várzea

Final do campeonato da várzea. América da Água Rasa contra o rival do bairro vizinho. O jogo estava empatado. Nos últimos minutos, o árbitro marcou um pênalti polêmico contra o América. A torcida explodiu. Mas ninguém explodiu como Duarte.

O "durão" com coração corintiano saltou para o campo de terra. "Pode parar tudo! Ninguém mexe na bola!", gritou ele. Correu para fora do campo, em direção à casa da sua sogra, que tinha uma sacada com vista para o jogo. Voltou minutos depois, a arrastar uma televisão de tubo e o gravador de fita cassete que o locutor amador usava para gravar as partidas.

Com a ajuda de dois jogadores, colocou a TV no meio do campo, ligou-a a uma extensão e enfiou a fita no gravador. "Seu juiz! Venha cá! Aqui na Água Rasa a gente não tolera injustiça! Eu tenho o meu próprio VAR: Video Assistant Retto!"

Ele rebobinou a fita, que chiou e apitou, e apertou o play. Uma imagem granulada e a tremer apareceu no ecrã. "OLHA AÍ!", berrou Duarte, apontando

para um borrão que deveria ser o jogador. "Olha o pixel da chuteira dele! Está claramente um milímetro fora da linha do outro pixel que representa a grande área! É indiscutível!". O árbitro, os jogadores e a torcida juntaram-se à volta da pequena TV, a tentar decifrar as imagens abstratas. A discussão durou tanto que o sol começou a pôr-se. O pênalti nunca foi batido e o jogo terminou empatado por "motivos técnicos e falta de iluminação". O América não venceu, mas Duarte sentiu-se vitorioso, pois tinha inaugurado a tecnologia no futebol de várzea.

Arminda e a Diplomacia do Gato

A paz na vizinhança foi abalada por uma crise internacional: as irmãs Fernanda e Maria do Céu reclamavam a posse de um gato de rua malhado, a quem ambas alimentavam e chamavam por nomes diferentes ("Tigrão" para uma, "Fofucho" para a outra). A disputa escalou para acusações de "aliciamento de felino" e "concorrência desleal com restos de frango".

Arminda, a poetisa diplomata, foi chamada para mediar. Convocou uma cimeira de paz no quintal. Sentou as duas irmãs em cadeiras, uma de frente para a outra. Colocou o gato numa almofada, no centro, como se fosse um chefe de estado.

"Minhas caras," começou ela com uma voz serena. "Estamos aqui para resolver o 'Conflito do Gato Malhado'. Primeiro, vamos ouvir o depoimento da parte neutra." Ela olhou para o gato, que começou a lamber a pata. "Interessante," disse Arminda. "Um ato de higiene que simboliza a necessidade de 'lavar as mãos' desta disputa. Ele busca a pureza, a isenção."

Ela então continuou a sua análise. "Quando a Fernanda se aproxima, as suas pupilas dilatam, o que na psicologia felina indica interesse, mas também ansiedade. Já com a Céu, ele eriça a cauda em forma de ponto de interrogação, um claro sinal de questionamento existencial sobre a sua verdadeira identidade: é ele Tigrão ou Fofucho?".

A solução, segundo Arminda, não era a posse, mas a soberania partilhada. "Proponho um acordo," disse ela. "O gato terá dupla cidadania e um novo nome neutro: 'O Diplomata'. A casa da Fernanda será a sua embaixada para assuntos de alimentação, e a da Céu, o seu consulado para assuntos de sestas ao sol. O acordo será ratificado com um sachê de atum." As irmãs, completamente desarmadas pela lógica surreal, começaram a rir e aceitaram os termos. A paz reinou mais uma vez.

Lucinda e o Recital de Supermercado

A fila do caixa no supermercado estava parada há dez minutos. Para Lucinda, um palco sem espetáculo era um desperdício de potencial humano. O tédio era o seu maior inimigo.

De repente, ela subiu para cima de um monte de caixas de cerveja, limpou a garganta e, com uma voz de apresentadora de teatro, anunciou: "Senhoras e senhores, bem-vindos ao Grande Drama dos Perecíveis!".

Apontou para uma senhora na sua frente. "Observem a tensão no rosto desta nobre dama! O seu dilema: levar o iogurte natural ou o de morango? Uma escolha que definirá o sabor do seu café da manhã e, quiçá, o rumo do seu destino! Que suspense!".

Continuou, apontando para o carrinho de um rapaz. "E ali, um jovem Romeu, com um pacote de macarrão instantâneo e um desodorizante. Oh, a tragédia da vida de solteiro! Uma história de fome e esperança, tudo num só carrinho!".

Em pouco tempo, a fila inteira estava a prestar atenção. As pessoas riam, aplaudiam. Lucinda começou a improvisar canções. "Oh, alface americana, tão verde e tão crocante, foste colhida na flor da idade, para acabar num prato extravagante!". A gerente do supermercado, atraída pela comoção, veio ver o que se passava. Em vez de a expulsar, ficou tão encantada que, quando Lucinda finalmente chegou ao caixa, anunciou pelo altifalante: "Em homenagem à nossa artista residente, hoje, o chuchu está com 10% de desconto!".

Antonio Bragança e o Contrato do Churrasco

Num almoço de domingo na chácara, a tragédia abateu-se sobre a família: restava apenas uma última e gloriosa peça de picanha na grelha. Os primos Danilo e Mauro olharam para a carne, e depois um para o outro, com o olhar de dois gladiadores antes da batalha.

A discussão começou. "Eu vi primeiro!" "Mas eu ajudei a acender o fogo!". A tensão era palpável. Foi então que Antonio Bragança, interveio. "Calma," disse ele. "Não precisamos de recorrer à barbárie. Vamos resolver isto de forma civilizada."

Pegou num guardanapo de papel, tirou uma caneta do bolso e começou a redigir. "Isto é o 'Acordo de Partilha de Bovino, Cláusula Primeira: Das Partes Envolvidas'."

O documento improvisado era uma obra-prima da burocracia. Estipulava que o "Contratante A" (Danilo) teria o direito de fatiar a peça, mas o "Contratante B" (Mauro) teria o direito de escolher a primeira fatia. Havia um adendo especificando a percentagem mínima de gordura a ser incluída em cada fatia para garantir a equidade. Uma outra cláusula, a 3.4b, cobria "atos de Deus ou de terceiros", como "a eventualidade de um cachorro da família, doravante denominado 'O Usurpador Canino', subtrair a peça em questão". Em caso de litígio, a arbitragem ficaria a cargo de um comite de tias, com a decisão final e irrevogável da Tia Arminda.

Ao final, Antonio apresentou o guardanapo aos dois primos. "Por favor, rubriquem aqui e aqui." Danilo e Mauro olharam para o documento, depois um para o outro, completamente intimidados. "Quer saber?", disse Danilo. "Pode ficar com a picanha." "Não, eu insisto, é sua," respondeu Mauro. No fim, acabaram por dividir o pedaço amigavelmente, mais por medo da papelada do que por generosidade.

Agradecimento e Finalização: Um Legado de Amor e Memória

Ao concluir a leitura de "A Saga da Família Bragança Retto" , é impossível não sentir a força inabalável que moldou esta história. A travessia de Belisário e Guiomar não foi apenas geográfica; foi uma jornada de resiliência, fé e, acima de tudo, união familiar.

Agradecimentos Pessoais e Fraternos

À medida que esta obra chega ao fim, sinto a profunda necessidade de expressar minha gratidão pessoal, pois cada capítulo aqui narrado não é apenas história, mas a fundação de quem sou hoje.

À minha Avó, Guiomar Joaquina Bragança Retto: Vovó Guiomar, a Rocha Indestrutível e a Alquimista dos Sabores , a sua vida foi o meu primeiro e mais importante livro de lições. Por ter me ensinado o valor da cultura e da sabedoria lendo jornais e transformando informações em sabedoria prática , por ter me ensinado o que é firmeza e ternura , e por ter me orientado através do exemplo de caráter e retidão , eu sou, em essência, fruto da sua maternidade de presença. O legado de amor e união que a Senhora forjou é a bússola que aponta o meu norte até hoje. Minha gratidão é eterna.

Aos meus Tios e Tias (Nove Pilares): A cada um de vocês, o meu profundo obrigado:

- **Rosine (minha mãe) (A Força do Cuidado): Pela sua alegria contagiante e por ter me ensinado que a verdadeira força reside na gratidão, mesmo diante da dor. Minha mãe querida. Quanta saudade.**
- **Minha irmã Regina que sempre cuidou de mim até falecer. Pra ela fiz uma música que diz tudo que sentia e sinto por ela.**
- **Fernando (A Carência de Afeto e o Resgate da Honra): Tio Fernando, mesmo tendo-o conhecido apenas em 1958, após 29 anos de ausência , e revisto nos anos 80, sinto a força da sua mágoa oculta e da carência de afeto que o impulsionou. Obrigado por sua dedicação e seriedade em Portugal, por ter resgatado o legado da família através do sucesso profissional e por ter sido o pai presente e carinhoso para os seus filhos. Obrigado por ter me recebido mesmo acamado lá nos anos 80. O seu sonho de unir as duas metades da família foi a ponte que nos ligou ao Porto.**
- **Maria do Céu (A Guardiã das Histórias): Por ser a cronista do clã e por me transmitir o dom e o apreço pela memória e pelo valor da palavra.**
- **Fernanda (A Matriarca do Riso): Pela sua hospitalidade inesquecível e por me ensinar a arte de encontrar a leveza e a risada em cada fresta da vida. Minha tia das brincadeiras sempre na ponta da lingua.**
- **Adelaide (A Guardiã e Enfermeira): Pelo seu senso de justiça inabalável, por sua sinceridade, e por me mostrar que a lealdade à família é o maior ato de coragem e amor. Me ensinou ainda a cuidar dos enfermos.**
- **Duarte (O Coração de Ouro): Por ser a rocha firme na tempestade , por me ensinar a prover e proteger através de ações concretas , e por sua generosidade para com os invisíveis. Meu tio herói!**
- **Arminda (A Diplomata Nata): Por me guiar na busca pela harmonia e pelo diálogo e por ser um exemplo de serenidade e empatia. Minha tia poetisa que levou a vida ensinando e educandos os sobrinhos com maestria.**
- **Lucinda (A Contadora de Histórias Carismática): Por sua energia vibrante , por me inspirar com a paixão pela música , e por me ensinar que a vida deve ser vivida com charme e alegria. O que sei de música hoje em dia devo muito a ela.**
- **Antônio Bragança (A Mente Estratégica): Por ser o orgulho da família , por me inspirar com sua dedicação aos estudos e por ser o modelo da calma e racionalidade na busca pela excelência e justiça. Foi meu primeiro emprego que me orgulho até hoje. Me deu o meu primeiro terno que não me esqueço jamais.**

Reconhecimento aos Colaboradores

A realização desta obra, "A Saga da Família Bragança Retto", só foi possível graças à generosa partilha de memórias e à dedicação de muitos. Agradeço a

todos os primos e primas que contribuíram com fotos, datas e, principalmente, com as histórias que trouxeram cor e vida a este livro. O mosaico de lembranças que vocês ajudaram a construir será o legado da nossa união para as futuras gerações.

Conclusão: O Legado Bragança Retto

A história da nossa família é a história de um amor que não se parte. É a prova de que, mesmo quando o Atlântico tentou nos dividir , o fio da saudade e da lealdade nos manteve unidos.

Que a saga de Belisário e Guiomar , a fundação da Fundição B.M.R. , a força da costura de Rosine e Maria do Céu , o sonho de Doutor de Antonio Bragança , e o reencontro de 1958 sejam mais do que lembranças. Que sejam o princípio e o legado que nos conduzirá sempre.

A família, embora desenraizada, permanece inteira.

Obrigado a todos.

Personagens/Nascimento

Belisario Machado Retto 1898
Guiomar Joaquina Bragança Retto 1900
Fernando Belisario Bragança Retto 1921
Rosine Bragança Retto 1923
Maria do Céu Retto 1925
Maria Fernanda Retto 1929
Maria Adelaide Retto 1929
Duarte Machado Retto 1931
Maria Arminda Retto 1933
Maria Lucinda Retto 1937
Antonio Bragança Retto 1941

Autor:
Belisario Retto de Abreu

Colaboradores:

Antonio Bragança
Marcel
Mauren

Mario Silveira
Luciamar
Luciane

Mirna
Marcia
Flavio

Eliane
Marisa
Mara

Maria João
Pedro

Sergio de Abreu

Danilo Almeida